

CADERNO DE PRÁTICAS E VIVÊNCIAS
INTEGRADORAS DA EJA DIURNA

juventudes

GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Educação



INTEGRAÇÃO ENTRE LINGUAGENS
E CIÊNCIAS HUMANAS

CADERNO DE PRÁTICAS E VIVÊNCIAS
INTEGRADORAS DA EJA DIURNA

juventudes

GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Educação

GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Educação

Governador do Estado do Espírito Santo
José Renato Casagrande

Secretário de Estado da Educação do Espírito Santo
Vitor Amorim de Angelo

Subsecretária de Educação Básica e Profissional
Andréa Guzzo Pereira

Gerente de Educação de Jovens e Adultos
Mariane Luzia Folador Dominicini Berger

Subgerente de Desenvolvimento Curricular da Educação de Jovens e Adultos
Alessandra Ribeiro Alves

Organizadora do Conteúdo
Ana Claudia Araujo de Lima

Revisores de Conteúdo
Rogério Carvalho de Holanda
Bruno de Almeida Zamite

Equipe Técnica da Gerência de Educação de Jovens e Adultos

Ana Claudia Araujo de Lima
Andrêssa Endlich Dourado
Edimar Barcelos
Flávia Demuner Ribeiro
João Batista Pereira Alves
Márcio Peters
Pollyanna Labeta Iack
Rayvo Viana do Nascimento
Rogério Carvalho de Holanda
Simone Chagas Siqueira Pachito
Tatiana das Mercês Januário

Equipe de Apoio da Gerência de Educação de Jovens e Adultos

Carla Régis Ramos Rocha
Sara Caroline Leite Bento da Silva

Permitida a reprodução para fins educativos e de informação, com indicação da autoria, vedada qualquer utilização comercial ou com fins lucrativos.

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Governo do Estado do Espírito Santo, ES, Brasil)

Espírito Santo (Estado). Secretaria de Educação.

E77c **Caderno de práticas e vivências integradoras da EJA diurna: juventudes [livro eletrônico] / Organizadores Alessandra Ribeiro Alves, Ana Claudia Araujo de Lima, Andréa Guzzo Pereira, Mariane Luzia Folador Dominicini Berger e Vitor Amorim de Angelo. Vitória, ES: GEEJA/SEEB/SEDU, 2025.**

30.281 Kb
Bibliografia
ISBN: 978-65-85134-96-5

1. Educação – Espírito Santo (Estado). 2. Educação Básica. 3. Educação de Jovens e Adultos. I. Alves, Alessandra Ribeiro. II. Angelo, Vitor Amorim de. III. Berger, Mariane Luzia Folador Dominicini. IV. Lima, Ana Claudia Araujo de. V. Pereira, Andréa Guzzo. VI. Título.

CDD: 370
CDU: 37

Ficha Catalográfica Elaborada pelo Bibliotecário Victor Barroso Oliveira - CRB 462/ES

SUMÁRIO

6. APRESENTAÇÃO

7. EJA DIURNA: FUNDAMENTOS E PRINCÍPIOS

11. A CATEGORIA JUVENTUDES

12. LITERATURA E MÚSICA PARA PENSAR AS JUVENTUDES

24. ARTE: ESPELHO OU AUTORRETRATO?

29. OS JOVENS E AS MULTIPLICIDADES

34. A JUVENTUDE EM DIFERENTES GERAÇÕES

37. PLANOS, SONHOS E A VIDA EM MOVIMENTO

41. OS JOVENS E O MUNDO DO TRABALHO

44. DEBATES PARA COMBATER O EXTERMÍNIO DA JUVENTUDE

53. REFERÊNCIAS

APRESENTAÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é desenvolvida como uma oferta prioritária para a Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo, o que se evidencia, desde o ano de 2019, com a criação da Gerência de Educação de Jovens e Adultos – Geeja.

No ano de 2021, foi implantada a EJA Diurna Seja + com o objetivo de ampliar as oportunidades educacionais de nossos jovens, adultos e idosos, por meio de uma organização curricular diferenciada. Desde sua implantação, essa oferta tem sido aprimorada a partir de assessoramentos pedagógicos, formações e escuta de estudantes e professores. Desses movimentos sistematizados surge a proposta de elaboração de um material estruturado para apoiar a prática docente, sobretudo em relação aos componentes curriculares integradores Práticas e Vivências Integradoras 1 e Práticas e Vivências Integradoras 2.

Assim, com muita satisfação, apresentamos a Coletânea de Cadernos de Práticas e Vivências Integradoras da EJA Diurna, relacionados à integração curricular das Áreas de Conhecimento de Linguagens e Ciências Humanas. A primeira coletânea é composta por quatro Cadernos, elaborados a partir das categorias Trabalho, Território, Juventudes e Desigualdades.

Almejamos que esses materiais possam enriquecer ainda mais o trabalho docente e reverberar na formação dos nossos estudantes, por meio da apropriação de conhecimentos que possibilitem "intervir na ordem estabelecida", como sempre nos ensinou Paulo Freire.

Desejamos um bom trabalho!

Vitor Amorim de Angelo
Secretário de Estado da Educação

Andréa Guzzo Pereira
Subsecretária de Estado da Educação

A EJA DIURNA: FUNDAMENTOS E PRINCÍPIOS

A Educação de Jovens e Adultos na rede estadual de ensino vem passando por uma série de avanços, no sentido de se adequar às transformações observadas nessa modalidade e ofertar aos nossos estudantes possibilidades diversas de acesso à escola, para que eles desenvolvam seus aprendizados e concluam seu percurso escolar com qualidade e equidade. Pensando nisso, a Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo (Sedu), por meio da Gerência de Educação de Jovens e Adultos (Geeja), tem trabalhado para fortalecer e inovar a EJA, ampliando, por exemplo, a oferta de vagas para os turnos matutino e vespertino, o que rompe com a ideia tradicional de que a oferta de EJA é exclusiva do tempo noturno.

Segundo o parecer CNE/CEB 11/2000[1], documento que orienta as diretrizes para a EJA no Brasil, essa modalidade necessita ser entendida a partir das suas funções - **reparadora**, **equalizadora** e **qualificadora**. Assim, entendemos que a EJA Diurna do Espírito Santo - também conhecida como "Seja Mais" (nome do programa de implementação) surge para atender àqueles jovens e adultos que, por motivos de trabalho, de tarefas familiares ou de vulnerabilidade social, têm dificuldade ou são impedidos de frequentar uma escola no horário da noite. Além dessa nova possibilidade de horário, a EJA Diurna conta com uma organização curricular mais alinhada aos interesses desse público e às demandas do mundo moderno, como os componentes Cultura Digital, ofertado atualmente em todas as etapas e segmentos, e os componentes Práticas e Vivências Integradoras I e II, sobre os quais, à diante, iremos nos deter mais profundamente.



Imagem disponível em: sejatroca.com/blog/post/equidade-o-caminho-para-uma-efetiva-inclusao-da-diversidade-nas-empresas (Acesso em: 27/02/2024)

Passados três anos desde a implantação da EJA Diurna/Seja Mais nas escolas da rede estadual, sentimos a necessidade de entregar aos nossos professores um material que lhes ofereça, ao mesmo tempo, suporte, reflexão e inspiração, para lhes provocar novos olhares, instigar sua criatividade e aprimorar sua prática, melhorando, consequentemente, a qualidade do ensino e o engajamento dos estudantes jovens e adultos.

1 http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb011_00.pdf

O que são as “Práticas e Vivências Integradoras”?

A EJA Diurna (Seja Mais) nasce com a intenção de dinamizar e promover o maior alcance da Educação de Jovens e Adultos no estado do Espírito Santo. Mas, ao estruturarmos essa forma de oferta, temos também a intenção de inovar e revitalizar o currículo, tornando-o mais significativo. Assim nascem os componentes curriculares integradores que buscam flexibilizar os tempos de aprendizagem e valorizar as diversas formas de conhecimento e de aprendizado, combinando o tempo escolar e o tempo vivencial dos estudantes e propondo, por meio da pesquisa, trocas e interações entre a escola e a comunidade, bem como entre as diferentes abordagens das disciplinas curriculares e do conhecimento formal sobre assuntos cotidianos.



Fonte: Caderno Orientador de Práticas e Vivências Integradoras I. Sedu (2022)

Quando falamos em “integração”, estamos tomando duas dimensões: a dimensão curricular e a dimensão vivencial. A integração curricular - algumas vezes chamada de interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade - considera a necessidade de um trabalho uníssono entre as diversas áreas e disciplinas escolares, partindo do princípio de que o conhecimento se torna mais amplo e mais pleno, na medida em que passa por diferentes abordagens, por aprofundamentos e detalhamentos em múltiplas direções. Da mesma forma, o conhecimento de mundo e o conhecimento sistematizado pelo currículo escolar necessitam andar juntos, numa relação de complementaridade, de modo que aquilo que se aborda, se discute e se aprende na escola ressignifique o mundo e as vivências dos sujeitos envolvidos nessas aprendizagens e, numa via de mão dupla, aquilo que se vivencia e que se experimenta fora da escola deve alimentar e dar sentido ao conhecimento formal, de forma que o estudante perceba o papel desse conhecimento para o seu contínuo crescimento.

Dessa forma, o papel dos componentes integradores da EJA Diurna não se encerra neles mesmos, mas visa à adoção de uma postura político-pedagógica de toda a escola - docentes, gestores, equipe pedagógica e discentes, a fim de construir para esses jovens e adultos uma relação realmente pujante com a escola e, principalmente, com o conhecimento - de si e do mundo que os aguarda para além do ensino básico.

Como pensar a Integração Curricular e seus desdobramentos na vivência concreta?

Para entendermos melhor o quanto os componentes integradores podem ser proveitosos não só em nossas escolas, mas nas comunidades e territórios de vivência dos estudantes, ilustramos nossa apresentação com o recorte, inspirado em um texto jornalístico do noticiário nacional:

Seja + Notícias

CULTURA · CIDADANIA · NATUREZA · APRENDIZADO

Ensino sobre eventos extremos ajudou comunidade de Pernambuco a se proteger

Educação climática salva vidas em comunidade pernambucana

Por Gabriel Gama





Em maio de 2022, Jaboatão dos Guararapes, na região metropolitana do Recife, enfrentou fortes chuvas que resultaram em 64 mortes. No entanto, na comunidade do Retiro, a história foi diferente dos outros bairros: o local não registrou nenhum óbito. A razão para essa discrepância não estava nas condições socioeconômicas ou na infraestrutura das moradias, mas sim em outro fator: a educação dos jovens e adultos sobre as mudanças climáticas e os riscos dos desastres.

Após quatro meses de treinamento e práticas educacionais, estudantes da comunidade do Retiro adotaram ações preventivas e foram capazes de orientar a evacuação dos vizinhos que viviam em regiões sujeitas a deslizamentos. No fim das contas, salvaram vidas.

Havia chovido a madrugada inteira. Quando Aléxys Gabriel Ferreira, então com 16 anos, acordou, ele notou pelo pluviômetro caseiro – que tinha aprendido a construir e a analisar durante o treinamento – que o cenário era de preocupação. Saiu, então, batendo na vizinhança para pedir que os moradores deixassem suas casas.

"Segui as recomendações que ouvi no projeto e falei para as pessoas saírem da área de risco, para tomarem cuidado, e me coloquei à disposição para tirar dúvidas dos moradores e passar as perguntas deles para o pessoal da Defesa Civil", conta.

PUBLICAÇÃO ORIGINAL EM: APUBLICA.ORG
DATA: 27 DE FEVEREIRO DE 2024

O caso apresentado no texto acima nos exemplifica como o ensino pode e deve ser articulado às necessidades e possibilidades de cada território, associando de fato teoria e prática, reflexão e ação, escola e comunidade, conteúdo escolar e senso de cidadania e de humanidade.

Ao pensarmos os detalhes da notícia acima, veremos que o "treinamento" e a fabricação do pluviômetro caseiro, que evitaram uma tragédia na comunidade do Retiro, certamente são etapas de uma proposta metodológica sobre educação climática. Porém, o que está implícito é que a escolha dessa temática nasce do fato de se estar em um território vulnerável a esse tipo de ocorrência - fortes chuvas, com enchentes, deslizamentos e outras tragédias. E, para se chegar às etapas que culminaram nessa ação, provavelmente houve uma pesquisa prévia, um diagnóstico do território que verificou suas reais necessidades e, então, traçaram-se a

metodologia, os conteúdos e cada uma das etapas de desenvolvimento.

A atitude do adolescente Aléxys Gabriel demonstra, ainda, um tratamento abrangente, integral do problema, que permitiu não só a habilidade de fabricar um artefato, uma tecnologia, mas também a capacidade de interpretar os dados fornecidos por essa ferramenta e o desenvolvimento da proatividade para uma tomada de decisão a partir da leitura desses dados, com senso de coletividade e segurança. Outro ponto a se destacar é a parceria com órgãos públicos - nesse caso a Defesa Civil, demonstrando que quanto mais diálogos, isto é, quanto mais integração, maior e mais rico é o aprendizado.

Podemos indicar, ainda, a possibilidade de discutir, a partir da questão climática, questões éticas, políticas, historiográficas, socioeconômicas e étnico-raciais relacionadas a esse tipo de tragédia, desenvolvendo o senso crítico para refutar a ideia simplista de que uma tragédia como essa, comum em muitos cenários brasileiros, ocorre em função apenas de um "fenômeno natural", quando, na verdade, muitas dessas tragédias podem ser previstas e amenizadas ou até evitadas, caso o poder público se proponha a fazê-lo.

Em síntese, a notícia acima se configura como um excelente exemplo do tratamento integrador que pode ser feito a partir de um determinado tema e de uma situação-problema verificada no território ou nas vivências dos sujeitos envolvidos na escola, desde que haja planejamento, diálogo e uma atitude político-pedagógica comprometida com a formação plena dos estudantes da EJA.

Ao propormos um ensino que esteja alinhado com as práticas sociais e as vivências culturais de nossos estudantes, queremos que professores e estudantes sejam capazes de ousar, de desenvolver ensino-aprendizagem por meio da pesquisa, da reflexão-ação, da sensibilidade e da acuidade, com metodologias diversificadas que traduzam a intencionalidade de uma formação integral e emancipadora, que reconectem esses sujeitos à escola e ao prazer de aprender, que transforme suas descontinuidades na trajetória escolar em caminhos para a redescoberta dos seus sonhos, para a atuação social plena e para todas as possibilidades de ser e estar no mundo.

Neste sentido, as leituras, reflexões e atividades propostas nos Cadernos de Práticas e Vivências Integradoras devem expandir o que é trabalhado na sala de aula para além dos muros da escola, ampliando também a visão de mundo e novas possibilidades de atuação social dos nossos estudantes. Nos afastamos da ideia de um material prescritivo e desejamos que todas as propostas sejam vistas como sementes ou como ponto partida para ajudar a organizar a integração, fazendo multiplicar as boas ideias e práticas que certamente já se desenvolvem em nossas escolas.

A CATEGORIA JUVENTUDES

Introdução

A juvenilização da Educação de Jovens e Adultos é um fenômeno que vem sendo observado há algumas décadas, por diferentes estudiosos. No Brasil, é inegável que esse fenômeno se dá em consequência dos inúmeros problemas históricos, que resultam em profundas desigualdades socioeconômicas. Se essa juvenilização se faz notar entre os estudantes matriculados na modalidade EJA no turno da noite (horário em que essa oferta é tradicionalmente mais procurada), não precisaremos de grandes esforços para perceber que, na EJA Diurna, a média de idade dos estudantes sequer chega a 21 anos.

Embora no contexto dessa modalidade de educação se utilize do termo "juvenilização" para demarcar especificamente essa mudança na média de idade dos estudantes, ao pensarmos e abordarmos a ideia de "juventudes", enquanto categoria de pesquisa e de estudos, é importante não reduzirmos o tratamento dessa ideia apenas à questão etária.

É inegável que a sociedade de maneira geral ainda costume se apegar aos ciclos biológicos para pensar a vida como uma sucessão de fases, demarcando como culminância de um caminho natural a vida adulta e atribuindo a cada uma delas - ao menos nas sociedades contemporâneas - a possibilidade de acesso a determinados direitos e deveres. Entretanto, cada vez mais os estudos especializados, como a sociologia e a psicologia, vêm se afastando desse tipo de abordagem simplificadora. Obviamente que as fases biológicas da vida continuam existindo, mas há uma tendência crescente em superar a compreensão cronológica, segundo a qual a infância e a juventude são apenas uma fase de "preparação para a vida adulta".

Na atualidade, busca-se compreender o ***ser jovem*** nos diferentes grupos humanos e sociais, reconhecendo a multiplicidade de definições, dimensões e interesses que giram em torno desse estatuto. Muitos estudiosos, porém, convergem para o mesmo ponto: ao se falar dos jovens não se pode pensar em um grupo unificado e homogêneo, dotado de interesses comuns ou biologicamente definidos, sendo necessário, portanto, tratá-los em sua ***pluralidade***.

Com base nisso, adotamos enquanto categoria o termo "***juventudes***" e, a partir desse termo, propomos levantar múltiplas possibilidades de diálogo com nossos estudantes, não apenas enquanto público de uma sigla, mas de forma ampla e abrangente, com enfoque nas identidades próprias dessa ***categoria social***, a qual eles compõem e enriquecem com suas vivências, com seus anseios, com o desejo de reconhecimento e de plenitude de direitos.

Para trabalhar com os estudantes e iniciar algumas reflexões que dialoguem com a categoria temática "Juventudes", aprofundando as propostas de atividades da Plataforma do Estudante, sugerimos alguns materiais e caminhos didáticos:

LITERATURA E MÚSICA PARA PENSAR AS JUVENTUDES

Professor(a), com base no que propõem Martins (2006) e Dalvi (2013), o trabalho com a Literatura no Ensino Básico, quando supera o estigma das didatização e da tentativa de simplificação do texto literário, pode trazer diversas contribuições, entre elas a "integração de saberes". Neste Caderno Integrador, pois, apresentamos algumas sugestões de obras e textos literários, a fim de incentivar o trabalho com a literatura na sala de aula, oportunizando, assim, além de debates sobre a temáticas vinculadas à categoria "Juventudes", uma experiência em que a leitura esteja vinculada às práticas sociais e às vivências dos estudantes.

Entendemos ser de grande importância que esses estudantes concluam a etapa final da Educação de Jovens e Adultos com a vivência de uma educação plena, integral e integradora, e defendemos que a experiência com a leitura literária contribuirá para efetivar essa formação completa. Para isso, o trabalho de mediação do(s) professor(es) é imprescindível.

Embora apresentemos aqui alguma diversidade de textos, somente o diálogo para identificar o perfil da turma poderá guiar a escolha das obras mais adequadas a serem trabalhadas, inclusive buscando outros títulos, que não necessariamente os sugeridos. Qualquer que seja/sejam a/as obra/s escolhida/s, orientamos que os estudantes sejam encorajados a ler, de forma independente ou guiada, e possam expressar suas impressões sobre o texto, que sejam criados momentos de leitura em sala de aula, que seja feita uma ambientação confortável e adequada para esses momentos, que a leitura não seja fragmentada ou apresentada em forma de resumos e que a situação de produção seja contextualizada, para que a leitura seja melhor compreendida.

É interessante, ainda, que os estudantes tenham contato com artigos, prefácios, posfácios e análises críticas, a fim de que também eles se tornem capazes de compreender profundamente o texto literário e, assim, possam fazer suas próprias análises críticas, análises comparativas, releituras intersemióticas, entre outros exercícios que extrapolem a mera valoração do texto em frases como "Gostei", "Não gostei", "É uma leitura difícil", "É uma leitura fácil".

ORIENTAÇÕES

Antes de iniciar as leituras, assista ao vídeo com os estudantes e discuta com eles sobre seus hábitos de leitura, se eles já cultivam, se suas leituras são mais superficiais ou se é uma "leitura profunda". Discuta, ainda, sobre os benefícios do hábito de leitura profunda não só para um bom desempenho escolar, mas principalmente para o desenvolvimento cerebral. Procure questionar e ouvir o que eles pensam sobre sobre inserir esse hábito em suas vidas de forma permanente.

https://youtu.be/ei8oahUdUoc?si=GpkoB5J8ErYEuXXC

Para fazer a aproximação entre Literatura e a categoria Juventudes, apresentamos a seguir algumas obras literárias e analíticas. Lembramos que a ideia é que o trabalho de mediação ocorra por meio da integração entre os diferentes componentes de Linguagens e de Ciências Humanas, para tornar a experiência da leitura ainda mais rica, abordando as diversidades de temáticas presentes nas obras.

As obras aqui sugeridas, além de muitas outras, estão disponíveis gratuitamente, no formato de e-book, através do portal:

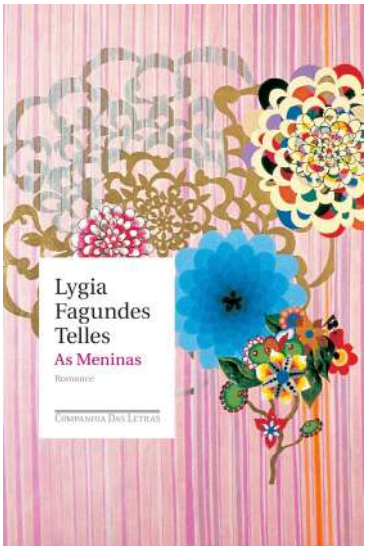
https://bibliotecacircula.prefeitura.sp.gov.br/pesquisa/mobile/index.xhtml

ORIENTAÇÕES

Professor(a), acesse o portal com os estudantes e os auxilie a fazer o cadastro para lerem de forma gratuita um enorme acervo literário.

As Meninas: Os Impasses da Memória

Posfácio de Cristovão Tezza



Lygia Fagundes Telles disse uma vez que a função do escritor é "ser testemunha do seu tempo e da sua sociedade". Esse talvez seja um bom mote para pensar sobre o alcance de seu romance As Meninas, de 1973, em que aquele início de década, particularmente marcante na história brasileira, com profundas consequências em sua vida política e social, dá à escritora o tema e as tintas de seu texto. Para fazer uma breve moldura da época, lembremos que era um mundo de transformações radicais na vida política e na vida cotidiana. Politicamente, o Brasil vinha do golpe militar de 1964, reafirmado pelo sobregolpe de 1968, com a edição do AI-5, que consolidou entre nós uma ditadura de direita de longa duração, cujo epicentro aconteceu na primeira metade da década de 1970, durante o governo Garrastazu Médici (1969-1974). País periférico, o Brasil refle-

tia quase que automaticamente a polarização da guerra fria que vinha amadurecendo, ao longo dos anos 1950, entre o mundo comunista e o mundo capitalista, União Soviética e Estados Unidos.

[...]

Nesse Brasil jurássico, divórcio ainda se chamava "desquite" — e condenava a vítima mulher, só ela, à desgraça social perene —, a virgindade era ainda um valor mitológico que valia uma guerra pessoal, homossexuais chamavam-se "bichas" e era preciso decidir o que fazer com eles e o que dizer sobre eles, o racismo ainda se mantinha como uma atitude perfeitamente verbalizável no dia a dia, sem consequências, a família tradicional permanecia um valor moral, social e econômico poderoso e intocável, a cultura letrada circulava no máximo por um quinto da população, privilégio das classes médias urbanas, e, por último, o mundo católico definia-se praticamente como a única referência religiosa com peso político na vida brasileira.

Em linhas gerais, esse é o contexto histórico do lançamento de As Meninas, um romance que, aliás, faz desse contexto o seu próprio tema, mas nem de longe se esgota nele [...].

Seguindo um curto tempo cronológico, apenas dois dias, a narrativa mergulha na vida de três jovens que vivem no pensionato católico Nossa Senhora de Fátima. Do ponto de vista da trama, a narrativa é simples e concentrada também no espaço: Lorena Vaz Leme, Lia de Melo Schultz e Ana Clara Conceição são três amigas muito próximas, mas muito diferentes — pode-se dizer que elas se definem a partir de três "arquétipos", ou figuras típicas da época. Ana Clara é a mais bonita, a mais liberada e a mais problemática, por ser dependente de drogas; Lia, afetivamente chamada Lião pelas outras, está envolvida na luta armada contra a ditadura; e Lorena, a mais intelectualizada, é uma jovem rica de uma família tradicional de proprietários de terras. Não há quase nenhuma indicação geográfica específica do espaço romanesco, como nome de ruas ou praças, mas fica evidente que a narrativa se passa na cidade de São Paulo. A época é o ano de 1969, indicado indiretamente pela referência ao célebre sequestro do embaixador americano Charles Elbrickque resultou na liberação de quinze presos políticos brasileiros. No romance, o namorado de Lia Schultz é um dos presos que serão libertados. A trama do tempo narrativo presente é mínima e gira em torno de Lorena, que, por ser a colega rica e a mais estável, acaba por servir de ajuda econômica e eventualmente referência psicológica às outras. Num dos fios narrativos, Lia pede o carro de Lorena emprestado (que será usado numa atividade clandestina) e depois o adiantamento do dinheiro da passagem para a Argélia, onde encontrará seu namorado; no outro fio, Ana Clara, completamente drogada, encontra-se com Lorena na pensão, onde vem a morrer em consequência de overdose, momento trágico que fecha o livro. É claro que reduzir o romance a esse magro esqueleto diz muito pouco da força de As Meninas. Mas nos revela o deslocamento estrutural no Brasil de um ideário estético realista, que nas mãos de Lygia se fragmenta em camadas narrativas para dar conta de uma outra realidade — ou, num sentido mais preciso, para criar uma outra realidade, com importantes ramificações e consequências.

ORIENTAÇÕES

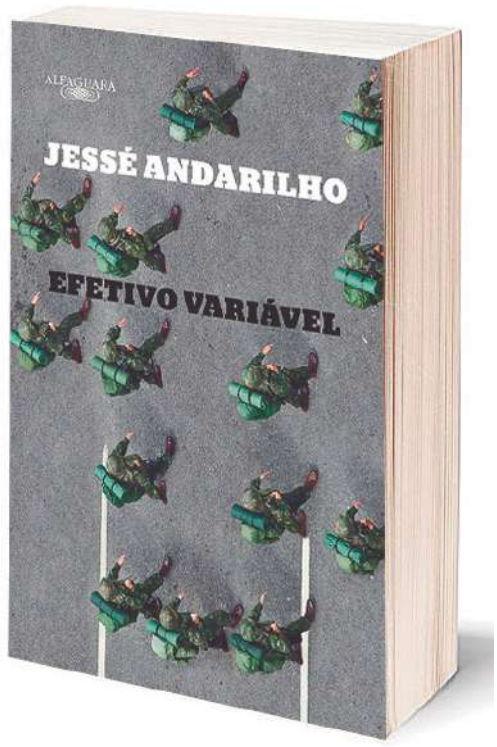
Lygia Fagundes Telles foi uma grande escritora brasileira, com mais de 20 livros publicados, abrangendo contos e romances. Ela foi a terceira mulher a ocupar uma cadeira na conservadora Academia Brasileira de Letras e faleceu aos 93 anos, em abril de 2022.

Como é possível perceber na leitura do posfácio de Cristóvão Tezza, a obra As Meninas reúne elementos muito ricos e complexos que, mesmo em um contexto histórico diferente, nos ajudam a pensar as relações socioemocionais, a influência do contexto político e econômico sobre as juventudes, o envolvimento com as drogas, o paradoxo entre o individualismo e a solidariedade, entre outros temas.

Embora não seja uma obra simples, até porque foi escrita em uma época em que era preciso driblar a censura, uma boa mediação poderá guiar os estudantes e levá-los a compreender e aproveitar ao máximo essa leitura.

Efetivo Variável

Jessé Andarilho



Tudo começou no alistamento militar obrigatório, quase um ano antes. Cheguei meia-noite e já havia três conscritos na fila. Estava quente e o céu bastante estrelado, do jeito que eu gostava na época em que viajava com a mochila nas costas e o violão na mão pelas praias desse Brasil.

Perguntei quem era o último da fila e o gordinho riu, dizendo que era eu. Pensei numa resposta malcriada, mas achei melhor interagir e deixar pra sacanear o próximo. Foi então que alguém sugeriu montar uma numeração, pra gente não ter que ficar toda hora se preocupando com quem era o último. Tirei um caderno da mochila e fizemos uma sequência de números para distribuir para quem chegasse depois.

Passamos a noite toda organizando a bagunça, já que não tinha nenhum soldado para ajudar. Quando chegava alguém muito desorientado, a gente mandava subir numa rampa que tinha formato de caracol. Lá em cima, o sujeito tinha que bater bem forte no portão e chamar um tal cabo Jorge, pois era ele quem distribuía a senha da ordem de chegada.

Essa história do cabo Jorge é bastante conhecida por quem já passou pelo processo de alistamento. Muitos já sabiam dessa lenda, só os mais caseiros e menos informados não conheciam a pegadinha. No início da brincadeira, os caras ficavam uma fera quando todo mundo ria deles, mas logo relaxavam ao ver outros sendo sacaneados também. A zoação maior sobrava pra quem chegava com os pais, com esses a gente implicava a noite toda.

A brincadeira acabou quando o dia amanheceu e chegou um sargento para pôr ordem naquilo. A primeira coisa que ele fez foi perguntar quem era o responsável por controlar a fila. Me apresentei e disse que tinha distribuído números da ordem de chegada para facilitar o trabalho dele.

Minha organização me rendeu alguns elogios e uma promessa de ser atendido de acordo com minhas exigências, que era ser dispensado do serviço militar. Mas quando fui chamado, disseram que eu era um refratário, e refratário não tinha direito de escolha.
Refratário é quando a pessoa se alista depois do tempo previsto pelas Forças Armadas. Eu me alistei no ano seguinte ao que seria o normal para minha idade. Até tentei ir no ano certo, mas quando cheguei na Regional já era o último dia, estava lotado de gente, o sol queimava demais e achei que não haveria problema em voltar no outro ano.

Sendo assim, tive que servir ao meu país e prestar pelo menos um ano de serviço militar no Exército Brasileiro.

Marcaram um dia pra gente se apresentar no Batalhão de Engenharia Villagran Cabrita, onde, depois descobri, ficava a antiga fazenda imperial, em Santa Cruz. Chegando ao batalhão, começaram todos os tipos de ofensas desnecessárias. Não que alguma seja, mas xingar um árbitro de futebol ou um motorista que avança o sinal vermelho é até aceitável.
Mocorongo, lixão, cabeçudo, conscrito de merda, porco, sem noção e outras coisas faziam morada em nossos ouvidos. Mesmo sem saber o que era mocorongo, eu ficava com muita raiva quando era chamado daquilo. Mas tinha que aceitar, pois os caras estavam acima da lei e não fazíamos ideia do que viria pela frente.

Fizemos alguns testes, ficamos pelados enquanto analisavam nosso corpo e manjavam nossa rola, e mandaram a gente se apresentar sem barba e de cabelo cortado numa próxima data. Achei a maior sacanagem, mas os caras estavam com um fuzil na mão, e na favela em que eu morava o que os moços de fuzil falavam era lei. Então respeitei e me desfiz do bigode que tinha cultivado durante cinco anos.

De barba feita, cabelo cortado e sem vontade alguma, me apresentei com meu kit higiênico, tênis de correr, calça jeans e camiseta branca. Entrei por um portão de grades azul-turquesa, onde tinha um sentinela portando um fuzil 7,62, farda camuflada, cara de sono e rosto cheio de olheiras e remela.

Do lado direito do portão tinha uma guarita, um caixote de areia e um banco de ardósia com aproximadamente oito soldados sentados, apoiados em seus respectivos fuzis.

— Aí, se liga só. E um desse aí pra cada um. Não vejo a hora de pegar o meu bico! — disse um dos conscritos que estava ao meu lado.

— Tá maluco, cara? Tu nem chegou no quartel e já quer pegar um fuzil.

— Tô mermo, rapá. Tu acha que eu tô aqui por quê?

Achei melhor não prolongar a conversa. Me concentrei no que o cabo e o sargento falavam. Foi nessa hora que dividiram os grupos por companhia e foi assim que eu fui parar na CEP (Companhia de Engenharia de Pontes), A Gloriosa, como eles chamavam.

[...]

A primeira coisa que se aprende na vida militar é a hierarquia. Ela é empurrada pra dentro da nossa cabeça, de forma que você é sempre o subalterno e eles, os caras. A segunda coisa é a ordem unida, que são os elementos de formação da tropa. Mas para mim, "sentido" não fazia sentido, "descansar" não descansava e "ordinário marche" era pra marchar igual a ordinário, pra lá e pra cá.

Como eu estava disposto a passar aquele ano sem arrumar confusão com ninguém, decidi fazer daquilo um teatro, de acordo com o que eles mandavam. Encarei a ordem unida como uma dança. Se os caras mandavam pular, eu pulava. Se a ordem era "sentado-um-dois", eu fazia de boa. O chato era quando a gente tinha que repetir as canções e as frases enquanto marchávamos em volta do quartel, debaixo de sol quente, e ainda por cima cheios de roupas, ou melhor, de fardas. Uma tortura. Marcha para ir ao banheiro, marcha pra almoçar, marcha para chegar no quartel e marcha pra ir embora. No quartel não se anda. Ou você corre, ou marcha. O problema nem era ter que marchar. O que me dava nos nervos era ter que tentar rachar o chão com nossas pisadas.

— Soldado não desfila, quebra o chão quando marcha!

— Soldado não corre, estremece o chão quando passa!

— Um, dois — eles diziam.

— Três, quatro — a gente respondia.

E ficávamos nessa brincadeira o dia todo, aprendendo a marchar alinhado e a fazer outros movimentos da ordem unida.

Os sargentos viviam gritando em nossos ouvidos. O terror psicológico era tanto que, quando eu chegava em casa e deitava no tapete da sala da minha mãe, cochilava e sonhava com a sessão de tortura mental e corporal pela qual passávamos todos os dias.
No primeiro dia de TFM (Treinamento Físico Militar), chegamos na CEP e tinha um aviso no QTS (quadro de trabalho semanal) dizendo para colocarmos o 5° A. Coloquei o uniforme, que

por sinal era o que eu mais gostava de usar, já que o clima de Santa Cruz é bastante quente, e fiquei esperando ser solicitado. Enquanto isso, conversava com o Paulo Souza, meu amigo desde a época da pichação.

Fomos ordenados para entrar em forma, igualzinho a gente fazia no colégio. Um atrás do outro, só que na escola ficávamos do menor para o maior e, no quartel, era do maior para o menor. Os baixinhos ficavam escondidos no final da tropa. Eu achava que era para mostrar poder.

Com os maiores desfilando na frente, pareceria que a tropa era forte e valente. Wesley era o menor de todos. O menor e o mais engraçado. Vivia fazendo graça lá atrás. Era o famoso tipo "moita". "Os moitas são os recrutas que não aparecem de forma alguma. Ficam na deles e, assim, não são chamados para participar de nenhuma sessão de tortura nem de nada.

Naquele dia, fizemos alongamentos, flexões, polichinelos e outros exercícios até começarmos a correr. Eu não estava acostumado a fazer atividades físicas. Parei de jogar futebol com catorze anos porque achava que as meninas não gostavam de homens suados. Por esse motivo, larguei os esportes e me dediquei a andar bonito e cheiroso, sem suar para ser sensual.

Eu até conseguia fingir na hora das flexões e das abdominais, mas nahora da corrida... A primeira volta em torno do batalhão foi até razoável, mas quando o capitão esticou pra mais uma, tremi na base. Naquele sol forte, o cara só podia estar de sacanagem. Dar mais uma volta não era coisa de Deus. Mas não tive pra onde correr, ou melhor, tive sim - correr pra frente e fazer o que ele queria.

Cambaleando, mas seguindo a tropa, encarei mais uma volta imaginando chegar à sombra das árvores da praia de Provetá, em Ilha Grande, como eu fazia quando vinha da trilha do Aventureiro, depois de tomar uma ducha no Bicão.

Meu delírio me inspirou e foi talvez o que mais me motivou na hora em que chutei o balde. Percebi que o capitão, só porque era atleta do Exército, esticou a tropa para mais uma volta. Nem quis saber. Vi que alguns recrutas já haviam ficado pelo caminho. Aproveitei e fiz igual. Me joguei na sombra daquela árvore, como eu havia planejado, e em pensamento mandei o capitão ir pra tudo que era lugar. Deitei e respirei.

Só fiquei preocupado quando vi alguns sargentos se aproximando com um caderninho, anotando o nome dos recrutas caídos pelo chão. A solução que me veio na hora foi colocar o dedo na goela e forçar o vômito para ser socorrido em vez de anotado.

Os sargentos chamaram a ambulância do quartel e me levaram para a enfermaria, "o céu do batalhão". Ar-condicionado. Como foi bom respirar aquele ar gelado, beber água fresca e receber tratamento especial. Lembrei do meu acidente de moto há cinco anos, quando quase morri, e acredito que só me recuperei por causa das muitas orações, rezas e da minha vontade de viver. Percebi que precisava daquela mesma vontade para encarar o ano que vinha pela frente.

Depois do almoço, tentei cochilar ou torar, como dizem no quartel, mas o capitão entrou no nosso leito, falando com a voz serena de um tiro de fuzil 7,62.

— Quem não quiser ficar aqui, não precisa ficar. Pede pra sair que eu dou um jeito. Se vocês acham que a melhor forma de encarar a vida é se jogando na sombra das árvores, vou falar só mais essa vez: Não aguenta, PEDE PRA SAIR!

— Capitão... — tentou dizer o Wesley, fazendo cara de doente.

— Não me interrompa, recruta. Quando o corpo não aguenta, a moral é o que sustenta!

E, ao terminar a frase, olhou bem pra mim e balançou a cabeça de um lado pro outro. Pela primeira vez na vida, não tentei justificar meu fracasso. Não quis colocar a culpa em situações adversas. Calei e aceitei a ideia. Percebi que eu não cra pior do que ninguém ali. Fiquei

com uma raiva imensa. Não era raiva do capitão, tampouco de mim ou do meu sedentarismo, mas da situação em geral.

Fui pra casa e fiquei pensando naquelas palavras e em como a minha vida estava. Eu nunca tinha desistido de nada. Mesmo não querendo estar naquele lugar, eu não queria carregar comigo o peso de ter sido desligado do quartel por fraqueza ou incapacidade.

No dia seguinte, fui o primeiro a chegar. Arranquei os pelinhos que sobraram da minha barba, engraxei meu coturno e comi o cuscuz. amarelo que minha mãe tinha colocado na mochila, junto com uma garrafa de guaraná natural. Foi uma alegria só. Naquele dia, o capitão poderia mandar a gente dar até dez voltas no batalhão que eu estava pronto.

Mas o capitão fez vista grossa para os recrutas que foram para a enfermaria no dia anterior e mandou os sargentos nos ensinarem os movimentos da ordem unida para a formatura com o coronel, na próxima sexta-feira. Formatura para mim eram aqueles eventos em que eu ia de vez em quando, geralmente no final do ano. No quartel, formatura é simplesmente o ato de juntar os militares em fila: formatura pra almoçar, formatura na hora de chegar, formatura pra ouvir as instruções, formatura, pra tudo. O capitão queria que a gente estivesse pronto pra fazer bonito na frente do coronel.

Não deu outra. Depois de muito treino debaixo de sol forte, a nossa companhia chegou causando frisson. As batidas com os coturnos no chão levantaram poeira. Todos que assistiram à nossa chegada ficaram abismados com a raça e a bravura na hora de marchar. Gritamos as canções puxadas pelo capitão como se fossem um pedido de socorro que fazíamos a nós mesmos. Marchamos e fizemos as ordens unidas numa sintonia jamais vista naquele quartel. Ninguém queria ficar até depois do expediente treinando a ordem unida de novo.

Fomos pra casa e tivemos um final de semana de descanso, pois na próxima segunda-feira começaria o internato. Isso mesmo, teríamos que ficar isolados no quartel durante duas semanas, aprendendo as instruções de guerra, treinando ordem unida e fazendo exercícios.

Pai com a mãe

Rodrigo Caldeira

Quando engravidou, Clara morava com sua tia Mônica em um quarto, sala, banheiro e cozinha que a tia conseguira construir ao longo dos mais de 50 anos trabalhando em casas de família, como se dizia à época. O pai do seu filho era Cândido Neves, com quem namorava desde a juventude. Assim que soube da gravidez da sobrinha, tia Mônica mandou chamar Cândido para lhe informar que a partir daquele dia ele passaria a morar com elas e que, quando a criança nascesse, ela ficaria responsável pelo cuidado para que os dois pudessem trabalhar. Cândido vivia com a mãe e três irmãos mais novos algumas casas

ORIENTAÇÕES

"Efetivo Variável" é o segundo livro do escritor Jessé Andarilho e foi lançado em 2017. Talvez essa obra encontre mais apelo entre os estudantes, por ser mais atual e por adotar uma linguagem mais cotidiana. O autor do livro é um jovem que cresceu em Antares, um conjunto habitacional da zona oeste do Rio de Janeiro. Durante sua vida escolar, teve vários problemas de indisciplina e viu vários amigos se envolverem com o mundo do crime, mas encontrou na Literatura um caminho para a própria vida. Seu primeiro livro, Fiel, foi escrito no bloco de notas do celular, durante o trajeto de quatro horas, que ele gastava para ir e voltar do trabalho. Ele também fundou em Antares o Instituto Marginow, a fim de difundir, entre os jovens e as crianças da sua comunidade, o gosto pela leitura literária.

Efetivo Variável, como podemos ler no fragmento apresentado, irá possibilitar reflexões sobre o serviço militar obrigatório; sobre as relações de hierarquia e autoritarismo, trazendo características do serviço militar que fazem lembrar as escolas repressoras, com atividades repetitivas e sem nenhum sentido para além do treinamento bélico; sobre o processo de amadurecimento de um jovem e o desenvolvimento do senso de responsabilidade e de solidariedade. Como apresenta a sinopse do livro, acompanhando a história do jovem Vinícius, o leitor se depara com "conflitos e reviravoltas que se escondem sob uma aparente normalidade [...] na vida de um garoto comum, cheio de aspirações, em busca de si mesmo".

acima da casa da tia Mônica. Haviam crescido juntos, brincando nas ruas do bairro e, de alguma maneira, a gravidez era algo já esperado pelas duas famílias. A mãe de Cândido comprou o berço. Tia Mônica se alojou na sala. E Cândido e Clara viviam como se casados fossem à espera do dia do parto.

Clara trabalhava à noite na recepção de um hospital. Cândido em um restaurante do outro lado da cidade. Quando tudo dava certo, conseguia chegar em casa com tempo para acompanhar Clara até o ponto de ônibus e ia para seu segundo emprego como entregador em uma pizzaria do bairro. Após o expediente, voltava ao mesmo ponto de ônibus para esperar Clara com dois pedaços de pizzas, pois agora ela tinha que comer por dois — dizia ele colocando a mão sobre a barriga de Clara.

Era uma tarde de maio quando Clara ligou para informar a Cândido que entrara em trabalho de parto. Combinaram de se encontrar na Maternidade Central. Tia Mônica surpreendeu a sobrinha chamando um táxi para levá-las. Diante da expressão de surpresa de Clara, tia Mônica se limitou a dizer:

— Meu neto não vai nascer com a cara amassada por uma catraca de ônibus!

Quando Cândido chegou na Maternidade, Clara já havia sido atendida e estava aguardando na enfermaria a dilatação necessária para o parto natural. O trabalho de parto durou mais de 8 horas e quando a criança nasceu já era madrugada do dia 13. A enfermeira chamou os acompanhantes para ver a criança no berçário. Cândido não sabia como reagir diante daquele choro. Tia Mônica apertou a mão de Cândido e quando este olhou em seus olhos ela lhe disse:

— Meu neto nasceu livre!

Cândido não compreendeu o sentido da sentença, mas, pelo olhar da tia, conseguiu perceber sua felicidade e abraçando-a deixou que algumas lágrimas escorressem em seu rosto.

Findada a licença maternidade, Clara voltou ao trabalho e, como haviam planejado, tia Mônica era o elo que mantinha aquela família segura em sua rotina até que quando a criança contava com 7 meses de vida, tia Mônica, voltando da feira, teve um infarto, falecendo a poucos metros da sua casa. Clara e Cândido tiveram tempo apenas para tomar a decisão de que manteriam os seus empregos e que tomariam conta da criança, cada um em seu turno. Para isso, Cândido largou o emprego da pizzaria e assim foram levando os dias, com Cândido assumindo os cuidados da criança enquanto Clara estava no trabalho. Tudo corria em perfeita harmonia até o dia em que um protesto contra o aumento da passagem de ônibus parou o centro da cidade. Cândido, percebendo que não conseguiria chegar em casa a tempo de Clara poder ir para o trabalho, ligou avisando. Clara disse que ligaria para o chefe. O chefe disse que não. Ela não poderia chegar atrasada de jeito nenhum, pois a outra recepcionista não conseguiria chegar a tempo em razão dos protestos que aconteciam. Clara ligou para informar a Cândido a ordem do chefe, mas, antes mesmo de conseguir dizer alguma coisa, Cândido a interrompeu dizendo para não se preocupar pois seu ônibus conseguira entrar numa rua transversal e que, provavelmente, se atrasaria, no máximo, uns 15 minutos. Como o filho estava dormindo, decidiram que Clara sairia no horário dela e Cândido correria do ponto até em casa. Tudo daria certo, mentalizaram os dois. Clara ligou para Cândido quando estava prestes a sair.

— Pode ir, amor. O ônibus já está descendo a avenida. Vou bater o recorde do Usain Bolt e em 10 minutos estou em casa. — Cândido tranquilizou a mulher.

Clara conferiu se desligara o gás; se fechara as janelas; foi ao berço mais uma vez para garantir que o filho estava em sono profundo; quedou-se por alguns instantes admirando aquele sono sem preocupações do filho; fechou a casa e saiu.

Cândido desceu correndo do ônibus e enquanto o vento lhe cortava a face e ele ia se desviando das pessoas, lhe veio a lembrança das brincadeiras de criança e pensou que em breve seria seu filho que estaria ali, como ele, correndo com os amigos atrás de alguma rabiola. Um sentimento de felicidade lhe tomou o corpo e ele corria como se fosse somente ele naquelas ruas estreitas e assim que dobrou a esquina da sua rua e viu que tudo estava normal em frente de sua casa, uma sensação de alívio lhe tomou o peito e agora mais que rápido, corria como um jogador de futebol que, após o gol, sai em disparada ao encontro da torcida. Estava tão absorto em sua corrida que

só percebeu que no sentido contrário da rua descia uma viatura da polícia militar quando acionaram a sirene de alerta e ele, imediatamente, parou de correr e não teve mais condições de tirar a mão direita do bolso, que acabara de colocar para tirar o molho de chaves. Da viatura desceram dois policiais com armas em punho gritando para que ele erguesse as mãos. Cândido obedeceu parcialmente levantando apenas a mão esquerda.

— O que você tem aí no bolso?
— A chave da minha casa.
— Onde você mora?
— Aqui. — Respondeu Cândido com um movimento suave da cabeça em direção ao portão da sua casa.
— Por que estava correndo tanto?
— É que...
— É o que? Tira essa mão do bolso devagar e vai encostando no muro.

Cândido obedeceu ao policial que assim que viu que ele falava a verdade e que tinha na mão direita apenas chaves, partiu para cima dele jogando-o contra o muro para realizar uma revista.

— Qual o B.O.? — perguntou o policial enquanto revistava Cândido.
— Não tem B.O. não, senhor. Sou trabalhador.
— Onde você trabalha?
— Sou copeiro. Trabalho no restaurante...
— E por que anda correndo assim da polícia, então?
— Não estava correndo de vocês não.
— Então estava correndo do quê?
— De nada não.
— E essa casa, qual o B.O.?
— Tem B.O. não, senhor.
— Tem mais alguém aí?

Antes que pudesse pensar no que responder, Cândido ouviu o primeiro acorde do choro do seu filho. O mesmo choro que o deixou sem reação no berçário da maternidade. Os policiais também ouviram e quiseram saber de quem era a criança.

— É minha. — Cândido respondeu.
— Então chama a mãe e fala para vir aqui fora. — Ordenou um policial.
— A Clara não está em casa.

Assim que terminou de falar, o policial que estava revistando Cândido o algemou. Assustado, Cândido perguntou o que estava acontecendo e o policial respondeu que ele estava sendo preso por abandono de incapaz. Um vizinho, que acompanhava a situação, tentou intervir dizendo que não fazia nem 10 minutos que a mãe havia saído para o trabalho. O policial, olhando para este vizinho e estendendo o olhar aos demais que observam a cena, sentenciou:

— Então é o pai com a mãe que vão presos!

ORIENTAÇÕES

Rodrigo Leite Caldeira é mineiro, mas vive atualmente no Espírito Santo. Além de Doutor em Estudos Literários, é escritor e publicou dois livros de poemas, Inventários dos olhos (Secult-ES, 2014) e Poemínimos (Cousa, 2018), e um livro de contos, As Estações (Patuá, 2024).
No conto "Pai com a mãe", publicado em 2021, o leitor é apresentado a um jovem casal, Clara e Cândido Neves, que se vê diante do desafio de conciliar o trabalho, a sobrevivência em meio aos contrastes sociais e a recente maternidade/paternidade, sem uma rede de apoio. Sua linguagem clara e direta mostra, em poucas linhas, a vulnerabilidade da juventude em uma sociedade desigual, que não ampara as famílias mais necessitadas e ainda as submete a cargas de trabalho exaustivas, ao subemprego, a serviços de mobilidade precários e, ainda, aos abusos de agentes públicos autoritários.
Curiosamente, não há no conto uma linha sequer descrevendo as personagens fisicamente, os nomes dos protagonistas remetem à brancura, à claridade, à alvura, mas algumas pistas, como a data de nascimento do bebê (13 de maio), a fala da tia Mônica "Meu neto nasceu livre!" e as situações que enfrentam no dia a dia, culminando com a abordagem policial abusiva, são mais do que suficientes para que o leitor consiga caracterizá-los, sobretudo se esse leitor conhecer na pele tais vivências.
Por todos esses aspectos e outros mais, o conto, ainda que breve, pode render profundas discussões em sala de aula.

As letras de músicas possuem uma inegável proximidade com o gênero poema e é muito comum que estudos e análises literárias tomem como objeto de análise letras de canções. Assim como no poema, as chaves de leitura e interpretação das composições musicais podem variar muito de um leitor para o outro e de uma época para a outra. Aqui, apresentamos duas letras que podem ser interpretadas como expressões de dilemas típicos das juventudes. E, como já dissemos anteriormente, as juventudes são múltiplas e diversas, por isso, podem reagir de diferentes modos e expressar diferentes sentimentos diante da realidade.

MALANDRAGEM



A interpretação da cantora Cássia Eller fez com que a música Malandragem, de Cazuza e Frejat, se tornasse nacionalmente conhecida.

Quem sabe eu ainda sou uma garotinha
Esperando o ônibus da escola sozinha
Cansada com minhas meias três quartos
Rezando baixo pelos cantos
Por ser uma menina má
Quem sabe o príncipe virou um chato
Que vive dando no meu saco
Quem sabe a vida é não sonhar

Eu só peço a Deus
Um pouco de malandragem
Pois sou criança
E não conheço a verdade
Eu sou poeta e não aprendi a amar
Eu sou poeta e não aprendi a amar

Bobeira é não viver a realidade
E eu ainda tenho uma tarde inteira

ORIENTAÇÕES

Professor(a), as interpretações apresentadas a seguir são apenas uma, entre muitas possibilidades. Ao fazer a leitura da letra e ouvir a canção com os estudantes, tire as dúvidas iniciais e peça que eles busquem extrair os sentidos expressos nas canções. Deixe que eles se sintam à vontade para expor o que cada canção lhes diz. Para encorajá-los a se expressar, você pode elaborar e propor algumas questões.

Apenas depois de ouvi-los apresente as chaves de interpretação aqui sugeridas e, então, você poderá pedir que eles também tragam outras canções, músicas que eles gostam de escutar, para serem lidas/ouvidas com os colegas e para fazerem novos exercícios de reflexão e interpretação. Nesse exercício, deixe-os livres quanto ao estilo musical. Qualquer ritmo ou estilo será válido, desde que seja possível estabelecer reflexões sobre a letra.

ORIENTAÇÕES

Chave de interpretação para a música "Malandragem"

Em "Malandragem", música composta pela dupla Cazuza e Frejat, na década de 1980, é possível perceber a rebeldia própria dos finais dos anos 80, em que a juventude se mostrava atuante no processo de redemocratização do país, após mais de 20 anos de repressão e censura pela Ditadura Militar. Essa canção, porém, só veio se tornar mais conhecida nos anos 1990, com a gravação pela cantora Cássia Eller, uma intérprete de atitude marcante e voz inconfundível, que tornou a doce rebeldia da canção ainda mais pungente.
Na letra, o sujeito poético se apresenta em primeira pessoa e se caracteriza como uma "garotinha", "uma menina má" que se vê "esperando o ônibus da escola sozinha", possivelmente porque suas atitudes provocam a rejeição dos demais colegas. Nos versos "Quem sabe o príncipe virou um chato/ Que vive dando no meu saco/Quem sabe a vida é não sonhar", percebemos que essa menina rejeita as convenções sociais que são impostas às moças, pois ela não sonha em encontrar um príncipe encantado e tal ideia, inclusive, lhe incomoda ("vive dando no meu saco"). Na interpretação de Cássia Eller, essa rejeição às convenções ganha outra força, já que a cantora era declaradamente homossexual e, nessa perspectiva, a homofobia poderia ser o motivo pelo qual essa menina está sozinha, "rezando baixo

A interpretação da cantora Cássia Eller fez com que a música Malandragem, de Cazuza e Frejat, se tornasse nacionalmente conhecida.

E eu ando nas ruas
Eu troco cheque
Mudo uma planta de lugar

Dirijo meu carro
Tomo o meu pileque
E ainda tenho tempo pra cantar
Pra cantar

Eu só peço a Deus
Um pouco de malandragem
Pois sou criança
E não conheço a verdade
Eu sou poeta e não aprendi a amar
Eu sou poeta e não aprendi a amar

Compositores: Agenor de Miranda Araujo Neto e Roberto Frejat

pelos cantos por ser uma menina má".
No refrão percebe-se, porém, que o eu poético não demonstra sentimentos de culpa ou de inferioridade, mas se mostra como alguém que gostaria de levar a vida com mais leveza, boemia e diversão, ideia sintetizada na palavra "malandragem" - aqui podemos nos aproximar da ideia, não do e malandro aproveitador e desonesto, mas do malandro gracejador, bon vivant. Ao afirmar "sou criança e não conheço a verdade", ela reafirma sua inocência e o sentimento de quem está apenas começando a conhecer o mundo e suas "verdades". E então ela conclui: "eu sou o poeta e não aprendi a amar", o que remete à ideia de que ela é uma pessoa sensível, mas não aprendeu ou não sabe "amar", ao menos segundo as convenções.
Na segunda parte da música, o sujeito poético parece estar em uma outra fase da vida, demonstra estar mais madura e mais otimista, como confirmam os versos "bobeira é não viver a realidade", "E eu ando nas ruas/Eu troco cheque", "Dirijo meu carro/Tomo o meu pileque". A diversidade de ações expressas pelos verbos em primeira pessoa "ando", "troco", "dirijo", "tomo" demonstram um sujeito muito mais ativo e independente, inclusive financeiramente. A ideia de ainda ter "tempo pra cantar" indica, por fim, que esse sujeito consegue dedicar um tempo da sua vida para fazer o que lhe dar prazer, para dedicar à arte, ao divertimento, o que pode indicar uma condição social mais privilegiada. Mas o refrão retorna como uma lembrança de que ela é aquela menina que ainda pede a "Deus um pouco de malandragem" e que ainda não "aprendeu a amar".

ESQUADROS



A cantora e compositora Adriana Calcanhotto em apresentação no 26º Prêmio da Música Brasileira 2015, no Theatro Municipal, no Centro do Rio de Janeiro/RJ. Foto de Roberto Filho/Divulgação.

Eu ando pelo mundo prestando atenção
Em cores que eu não sei o nome
Cores de Almodóvar
Cores de Frida Kahlo, cores

Passeio pelo escuro
Eu presto muita atenção no que meu irmão ouve
Como uma segunda pele, um calo, uma casca
Uma cápsula protetora

ORIENTAÇÕES

Chave de interpretação para a música "Esquadros"

Na música "Esquadros", de Adriano Calcanhotto, o sujeito poético está muito mais voltado para fora do que para dentro, ou seja, temos a perspectiva de eu observador, que está em constante movimento, atento a tudo que o cerca, como apresenta logo no primeiro verso: "eu ando pelo mundo prestando atenção". Nas duas primeiras estrofes, a letra não apresenta nenhum cenário ou objeto bem definido. São apresentados apenas fragmentos ou pistas do que o eu pode estar observando. Na primeira estrofe, fala-se em "[...] cores que eu não sei o nome/Cores de Almodóvar/Cores de Frida Kahlo, cores". Ao assistir aos filmes do diretor espanhol Pedro Almodóvar ou observar uma obra da artista mexicana Frida Kahlo, é fácil notar que esses artistas têm uma predileção por cores variadas e marcantes, criando contrastes entre as cores quentes e frias. Já na segunda estrofe, o eu poético parece se referir a coisas que ele não consegue enxergar ou definir claramente, mas consegue ouvir, tocar e até pressentir de modo intui-

Eu quero chegar antes
Pra sinalizar o estar de cada coisa
Filtrar seus graus

Eu ando pelo mundo divertindo gente
Chorando ao telefone
E vendo doer a fome dos meninos que têm fome

Pela janela do quarto
Pela janela do carro
Pela tela, pela janela
Quem é ela, quem é ela?
Eu vejo tudo enquadrado
Remoto controle

Eu ando pelo mundo
E os automóveis correm para quê?
As crianças correm para onde?
Transito entre dois lados de um lado

Eu gosto de opostos
Exponho o meu modo, me mostro
Eu canto para quem?

Pela janela do quarto
Pela janela do carro
Pela tela, pela janela
Quem é ela, quem é ela?
Eu vejo tudo enquadrado
Remoto controle

Eu ando pelo mundo, e meus amigos, cadê?
Minha alegria, meu cansaço?
Meu amor, cadê você?
Eu acordei
Não vi ninguém ao lado

Compositora: Adriana da Cunha Calcanhotto

tivo. Uma possível linha de interpretação é a de que, nas estrofes iniciais, o eu lírico é, na verdade, um bebê ou uma criança pequena, desenvolvendo seus sentidos, sobretudo a visão e a audição, por isso, ainda não sabe dar nomes às cores que vê e está atenta ao irmão, possivelmente mais velho.

Houve um tempo em que essas estrofes foram relacionadas à vida pessoal da compositora e circulou a interpretação de que seu irmão era cego e as cores mencionadas trariam a ideia de que ela era uma espécie de intérprete que "traduzia" para o irmão aquilo que ela podia ver e ele não. Porém, essa versão foi refutada pela própria Adriana Calcanhotto que afirmou, inclusive, que seu irmão não era cego e a ajudou a compor essa música.

Voltando, então, à nossa interpretação, podemos notar que, à medida que a letra avança, os objetos e as ações do eu lírico começam a ficar mais bem definidos, "o mundo" por onde ele transita se amplia, surgem novos elementos e pessoas, como se ele entrasse em uma nova fase de amadurecimento, na adolescência talvez, e pudesse sair da casa, do ambiente familiar, ou seja, da "cápsula protetora" e, com isso, ele passasse a ter contato com o ambiente externo, primeiro "pela janela do quarto", depois "pela janela do carro", "pela tela", "pela janela" - que nessa repetição pode estar indicando a janela ou a aba de softwares do computador ou de aplicativos do celular, abertos diante dos seus olhos.

Nessa andança pelo mundo, o sujeito, agora com um pouco mais de experiências acumuladas, passa a perceber certas contradições, "vendo doer a fome dos meninos que têm fome". E começa a se perguntar: "E os automóveis correm para quê?/As crianças correm para onde? Na frase "transito entre dois lados", pode-se pensar na ideia de que esse sujeito se vê entre uma vida a salvo das mazelas e desconfortos e, ao mesmo tempo, não consegue ignorar os problemas - inclusive sociais - com os quais se depara.

Já no final do refrão, os versos "eu vejo tudo enquadrado/remoto controle" apontam para uma percepção de que o mundo busca conter ou "aprisionar" os sujeitos em "molduras" ou em padrões, como indica o termo "enquadrado". Diante disso, o eu lírico se vê sem qualquer possibilidade de controlar nem mesmo a própria vida, daí a inversão "remoto controle", como um controle distante, inalcançável da vida e da própria existência. Ele passa, então, a ser profundamente afetado por tudo o que observa e testemunha.

Se, no início, esse sujeito andava "pelo mundo divertindo gente", se emocionando com uma conversa - "chorando ao telefone", na última estrofe, percebemos o quanto ele se tornou melancólico, cansado e solitário: "Eu ando pelo mundo e meus amigos, cadê?/ Minha alegria, meu cansaço?/ Meu amor, cadê você?/Eu acordei/Não vi ninguém ao lado". Seguindo essa linha de interpretação, podemos entender que, à medida que se aproxima da vida adulta, esse sujeito se desencanta, perde a alegria inicial de andar pelo mundo, de observar e de fazer tudo o que fazia quando criança ou quando mais jovem. A melancolia e o sentimento de solidão se tornam mais presentes, pois esse sujeito está distante de seus amigos, do seu amor ou de seus familiares.

ARTE: ESPELHO OU AUTORRETRATO?

No Instagram, há um perfil chamado @Ilustrassom que propõe criações ilustrativas para várias canções da MPB. Veja abaixo uma ilustração feita para a música "Esquadros", de Adriana Calcanhotto:



- Nesta ilustração, que interpretação foi feita da frase "eu vejo tudo enquadrado"?
- Essa releitura dialoga com a ideia trazida pela letra como um todo?
- Acesse o perfil do Ilustrassom no Instagram (**@ilustrassom**) para conhecer outras ilustrações inspiradas em canções: https://www.instagram.com/ilustrassom?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=ZDNlZDc0MzIxNw==
- Escolha algumas ilustrações que você considere mais interessantes para compartilhar com seus colegas de sala de aula e com seus seguidores nas redes sociais.

ORIENTAÇÕES

Professor(a), espera-se que os estudantes percebam que há diversas formas de interpretar e reinterpretar uma obra ou um texto artístico. Neste caso, por exemplo, o ilustrador quis passar a ideia de que ver "tudo enquadrado" se relaciona à forma como vemos atualmente o mundo por meio das telas e do enquadramento das fotos e vídeos compartilhados nas redes sociais, em especial na rede Instagram. Essa leitura é perfeitamente plausível e de acordo com a letra da música de Adriana Calcanhotto, embora a música tenha sido lançada bem antes das redes sociais. Se possível, estimule-os a buscar a página, ver as outras ilustrações compartilhadas nesse perfil e escolher as que mais tenham gostado, para compartilhar com os amigos e seguidores.

Tomando como ponto de partida a primeira estrofe da música “Esquadros”, é possível estabelecer relações e diálogos com outras formas de expressão, já que a letra dessa canção cita dois importantes nomes do universo artístico: Frida Kahlo e Pedro Almodóvar. Nessa primeira estrofe da letra, fala-se das “cores” empregadas por esses artistas, as quais chamam a atenção do eu lírico.

Aqui podemos ver a reprodução de um dos quadros pintados pela mexicana Frida Kahlo e a fotografia de uma das cenas de um filme dirigido pelo cineasta Pedro Almodóvar. Observe as duas imagens com atenção:



Frida Kahlo. Sem esperanças, 1945.



Penélope Cruz e Lluís Homar em uma cena do filme “Abraços Partidos” (2009), do cineasta Pedro Almodóvar.

Para além do que é sensível ao olhar, já que estamos falando de dois campos artísticos cujas produções têm como principal apelo o sentido da visão - a pintura e o cinema -,os dois artistas aí mencionados demonstram grande preocupação em demonstrar ou representar aquilo que é menos aparente, isto é, as emoções. Sendo assim, as cores empregadas, tanto por Kahlo quanto por Almodóvar, obedecem a uma intenção e têm um papel fundamental para nos ajudar a compreender e captar o que as personagens retratadas em seus quadros e filmes estão sentindo.

Analise as duas imagens e procure discutir com seus colegas e professores, a partir das questões propostas:

1) Você já conhecia esses dois artistas? Já viu alguma obra deles em outro contexto?
2) Que cores e tonalidades são predominantes nessas duas imagens?
3) As cores costumam estar relacionadas às emoções e ao estado de espírito dos indivíduos. As personagens retratadas nessas duas imagens parecem expressar que tipo de sentimentos ou pensamentos?
4) Os sentimentos que eles expressam, na sua opinião, combinam com as cores presentes em cada uma das imagens?
5) Quando ainda era uma jovem estudante universitária, Frida Kahlo sofreu um acidente de ônibus que lhe causou múltiplas fraturas, sobretudo na coluna e nos membros inferiores. Ela ficou acamada durante meses, sua recuperação foi muito lenta, as sequelas do acidente e as dores passaram a acompanhá-la pelo resto de sua vida. Ela, que a princípio não sonhava em ser artista, usou a pintura como forma de se distrair e expressar o que sentia. Mas seu talento era tão grande que até hoje suas obras são consideradas um grande fenômeno. Diante dessas informações, como você interpreta os elementos presentes na tela "Sem esperanças", de 1945?
6) É muito comum que as pessoas, principalmente os jovens, busquem formas de extravasar e expressar seus sentimentos e pensamentos, seja por meio da escrita de diários ou de textos poéticos e ficcionais, seja por meio da música, da dança, do esporte, enfim, de uma prática corporal qualquer. Como você costuma se expressar? Há alguma prática que lhe traga alívio, prazer, distração e lhe faça esquecer, mesmo que momentaneamente, dos seus problemas e dilemas?

Você já parou para pensar sobre a importância das cores? Já percebeu como as cores podem influenciar nosso comportamento, nossos sentimentos e emoções? E as pessoas que não enxergam ou enxergam de forma diferente, como lidam com as cores?

Teoria das Cores e Emoções

As cores exercem diferentes efeitos fisiológicos sobre o organismo humano e tendem, assim, a produzir vários

ORIENTAÇÕES

Professor(a), quanto às questões:
1) É possível que os estudantes já tenham visto algo relacionado à artista Frida Kahlo. É importante estimulá-los a compartilhar as informações prévias que porventura eles tragam. Quanto ao diretor Pedro Almodóvar, caso eles não conheçam, é possível fazer uma breve apresentação para além das informações do texto;
2) Espera-se que eles percebam a predominância de cores quentes, como vermelho, amarelo e alaranjado, criando contrastes com o fundo mais claro/frio (branco no quadro e azul na cena do filme). Caso haja algum estudante com deficiência visual na turma, essa atividade pode ser um bom exercício para que os demais estudantes façam a descrição e de recursos como a audiodescrição (https://fundacaodorina.org.br/blog/descricaodeimagem/);
3) As repostas podem variar, mas na primeira talvez eles relacionem mais à dor, à busca por energia para superar o sofrimento e a segunda pode ser mais relacionada à paixão;
4) Resposta pessoal;
5) As respostas podem variar muito e não há uma só resposta correta. É possível dizer que seu estado após o acidente era tão grave e de tantas limitações que ela, nesse momento, talvez não tivesse esperanças de sobreviver;
6) Resposta pessoal.

"não é no espelho que devemos observar-nos, mas devemos nos contemplar no papel ou na tela"

– Henri Michaux

juízos e sentimentos. A cor é, portanto, um elemento de comunicação presente em diversos contextos e merece uma atenção especial, já que pode exercer grande influência sobre as pessoas, interferindo nos sentidos, emoções e intelecto.

A cor exerce ação tríplice: a de impressionar, a de expressar e a de construir:

- A cor é vista: impressiona a retina.
- A cor é sentida: provoca emoção.
- A cor é construtiva: possui valor de símbolo, podendo assim construir uma linguagem que comunica uma idéia, que pode ser tanto de leveza, alegria e sobriedade quanto de tensão, medo e agitação.

A resposta emocional à cor é função do contexto cultural do indivíduo. Em culturas ocidentais, há uma certa correlação entre cor e resposta emocional. Vejamos algumas delas:

Vermelho: se relaciona a sensações de perigo, alerta, calor, excitação, paixão, sexo;
Azul: se relaciona à ideia de masculinidade, frio, calmaria, confiança, estabilidade;
Branco: é relacionado à pureza, à honestidade, ao frio;
Laranja: representa energia, vitalidade, positividade, jovialidade;
Preto: remete à densidade, à seriedade, à autoridade e ao poder, mas também está ligado à morte e ao luto, na cultura ocidental;
Rosado: se relaciona à ideia de feminilidade, calidez, romantismo, jovialidade e suavidade;
Verde: remete à esperança, à natureza, ao conforto, à saúde e à positividade.

Ao longo da história diversos estudos foram feitos a fim de explicar como se dá o processo de formação das cores, se elas são uma propriedade dos objetos ou da luz e de que forma elas são captadas pelo organismo humano. Esses estudos resultaram em um conjunto de conhecimentos, formando a "Teoria das cores". Entre os estudiosos do assunto, destacam-se Leonardo Da Vinci, Isaac Newton e o alemão Johann Wolfgang von Goethe, cujos estudos foram fundamentais para determinar a associação entre as cores e os sentimentos humanos. Da Vinci, por sua vez, foi um dos primeiros a afirmar que a cor era uma propriedade da luz e não dos objetos. E o físico Isaac Newton, aprofundando os estudos iniciados pelo polímata renascentista, procurou explicar a influência da luz do sol na formação das cores.

Atualmente, profissionais das mais diversas áreas consideram o significado das cores, a fim de relacioná-los a seus trabalhos. Os designers, por exemplo, são profissionais que quase sempre voltam sua atenção às cores, para que elas dialoguem com aquilo que as marcas e produtos buscam representar para o público. Veja no infográfico a seguir:



Portfólio de design de logotipos da The Logo Company

Depois de ler e analisar o texto e o infográfico, discuta com seus colegas e professores sobre as questões propostas a seguir:

1) Atualmente, diversas campanhas de conscientização vinculam suas temáticas a cores. Por exemplo: maio amarelo (prevenção de acidentes de trânsito), setembro amarelo (prevenção ao suicídio), outubro rosa (prevenção do câncer de mama), novembro azul (prevenção do câncer de próstata). Leve em conta a correlação entre cor e resposta emocional apresentada no texto e discuta de que forma essas cores (amarelo, rosa e azul) estabelecem uma identificação com essas campanhas e ajudam a promover a conscientização pretendida.
2) Um campo que faz uso desse elemento de comunicação com muita frequência é a publicidade e o marketing. Pensando nisso, discuta como a cor de uma determinada marca pode influenciar ou não o consumo.
3) Analise o infográfico e procure o significado das palavras que estão Inglês, a fim de compreender melhor a mensagem. Em seguida, faça o que se orienta:

a) Identifique no infográfico as marcas que você conhece.

b) Escolha uma dessas marcas e tente pensar em como você se sente ao consumi-la. Que tipo de sentimento essa marca desperta em você.

c) Em sua opinião, há alguma marca cuja cor não corresponda à emoção que é apresentada no guia de cores/infográfico? Caso haja, que cor/emoção essa marca deveria representar.

ORIENTAÇÕES

Professor(a), o principal objetivo dessa tarefa é ampliar as discussões sobre cores, iniciada com a tarefa anterior e discutir a influência da teoria das cores no nosso cotidiano, sobretudo da influência das cores sobre nossas emoções e a forma como a psicologia das cores é apropriada pelos profissionais do marketing, o que pode ser bom em alguns casos, quando gera, por exemplo, conscientização e mobilização para ações propositivas, que visem ao bem coletivo, mas também pode ser prejudicial, quando nos induz a atitudes prejudiciais em busca de uma satisfação enganosa ou efêmera, como o consumo exagerado e/ou desnecessário de determinado produto.
1) Nas campanhas de conscientização, atrelar a temática a uma cor tem essa função propositiva em busca do bem individual e coletivo. Segundo o texto, em nossa sociedade o azul está ligado à masculinidade e o rosa à feminilidade, com isso as campanhas "novembro azul" e "outubro rosa" conseguem quebrar estigmas e mobilizar os homens e as mulheres, indicando que a prevenção do câncer de próstata é um sinal de masculinidade, assim como a prevenção ao câncer de mama é um sinal de feminilidade. No texto, não se fala da cor amarela, mas no infográfico o amarelo se relaciona, à cordialidade - o que se vincula à campanha pela prevenção de acidentes de trânsito -, à clareza e ao otimismo - vinculando-se à campanha pela prevenção ao suicídio.
2) Espera-se que nessa discussão os estudantes demonstrem compreender que as marcas se utilizam da subjetividade para interferir no desejo do indivíduo, ou seja, uma marca busca conquistar o consumidor apelando para as suas emoções, tentando suprir não apenas o desejo de ter, mas o desejo de ser ou de parecer ser alguma coisa. Assim, a decisão de consumir um produto ou usar um serviço está muito vinculada ao tipo de emoção que a identidade visual (principalmente a cor) desse produto/marca é capaz de despertar no consumidor.
3) Para essa atividade, é interessante que os componentes Arte e Inglês se integrem, a fim de aprofundar melhor a compreensão dos assuntos abordados. Após conhecerem o sentido e o significado dos termos que estão em outra língua, os estudantes certamente conseguirão aproveitar mais a tarefa. A partir disso, busca-se que eles identifiquem as marcas presentes em seu cotidiano no guia de cores e emoções, avaliando que sentimentos essas marcas lhes despertam e se há realmente uma correlação entre os sentimentos despertados por essas marcas e as cores escolhidas para representá-las. Para concluir a discussão, é possível complementar com alguma tarefa, pedindo por exemplo que eles criem um produto, uma marca ou mesmo uma campanha para ser desenvolvida na escola ou na comunidade, atribuindo uma cor que se relacione aos objetivos da marca, produto ou campanha.

OS JOVENS E AS MULTIPLICIDADES

Assista a dois vídeos que nos ajudam a pensar a relação dos deficientes visuais com o mundo das cores:

HISTÓRIA DE CEGO: Como os cegos imaginam as cores?

Marcos Lima é jornalista, escritor e criador de conteúdo digital. Por ser um jovem que convive com a deficiência visual e recebe diversas perguntas curiosas, ele resolveu criar um conteúdo educativo a partir das suas experiências e da curiosidade das pessoas em relação à deficiência. Todo conteúdo produzido é divulgado em seu canal no YouTube e no perfil do Instagram, ambos com o nome @**historiasdecego**. Vamos assistir a um dos seus vídeos:

https://youtu.be/_bx1yNm29Ek?si=UX9Jx-6aje72z0WK



Pesquisa para promover a inclusão de pessoas com deficiência visual

Sandra Marchi é formada em Artes Plásticas e desenvolveu, por meio de pesquisas, uma solução assistiva e pedagógica para que deficientes visuais consigam identificar cores em seu dia a dia. Vamos entender como esse material funciona, assistindo ao vídeo a seguir:

https://youtu.be/n7ENXZ73j8g?si=W-1poEWeugcviUS6q



Acessibilidade ou Inclusão? - Desenhando

Você sabia que a nossa legislação garante uma série de direitos às pessoas com deficiência, sejam elas físicas ou mentais? Será que esses direitos têm sido garantidos? Como a acessibilidade e a inclusão contribuem para melhorar a vida das pessoas com deficiência?

https://youtu.be/4mS23C-cPDI8?si=fWFq1Yy-3V6W5Wmxh

Considere esses três vídeos para fazer as seguintes reflexões e debates:

1) Você ou alguém com quem você convive enfrenta algum tipo de deficiência? De que forma essa deficiência afeta o cotidiano?
2) O que são tecnologias assistivas? Que tecnologias assistivas você conhece?
3) De que forma Marcos Lima, do primeiro vídeo, e Sandra Marchi, pesquisadora do segundo vídeo, contribuem para promover a inclusão de pessoas com deficiência visual?
4) Qual é a diferença entre inclusão e acessibilidade?
5) Para além do código de cores criado por Sandra Marchi, de que outras formas é possível promover a inclusão de pessoas com deficiência visual numa atividade que envolva, por exemplo, artes visuais, como a pintura, o teatro e o cinema?

ORIENTAÇÕES

Professor(a), o principal objetivo dessa tarefa é desdobrar o assunto das duas tarefas anteriores para pensar a inclusão e a acessibilidade de pessoas com deficiência. As juventudes e a sociedade como um todo precisam estar atentas aos desafios enfrentados por aqueles que convivem com algum tipo de deficiência. No texto da tarefa anterior, por exemplo, é dito que "A cor exerce ação tríplice: a de impressionar, a de expressar e a de construir", mas no vídeo de Marcos Lima ele diz que não é capaz de imaginar as cores, logo elas não podem provocar nenhum tipo de emoção nem se estabelecer como uma linguagem para pessoas cegas. Ainda assim, essas pessoas podem querer saber a cor de um objeto, da roupa que vão usar, de uma cena ou de uma paisagem e ter mecanismos para atender a essas demandas é uma forma de promover a inclusão e dar autonomia a essas pessoas. As tecnologias assistivas, portanto, são esses recursos utilizados para melhorar o cotidiano das pessoas com deficiência e existem em diferentes formatos, com funções diversas e em vários ambientes: desde um banheiro adequado a uma calçada com piso texturizado ou um aparelho de alta performance podem ser considerados tecnologias assistivas. Entretanto, promover inclusão social é bem mais amplo do que oferecer alguma acessibilidade. A acessibilidade é apenas uma das formas de promover a inclusão, como o terceiro vídeo deixa claro. A inclusão permite que o indivíduo participe e se sinta autônomo nas mais diversas tarefas.

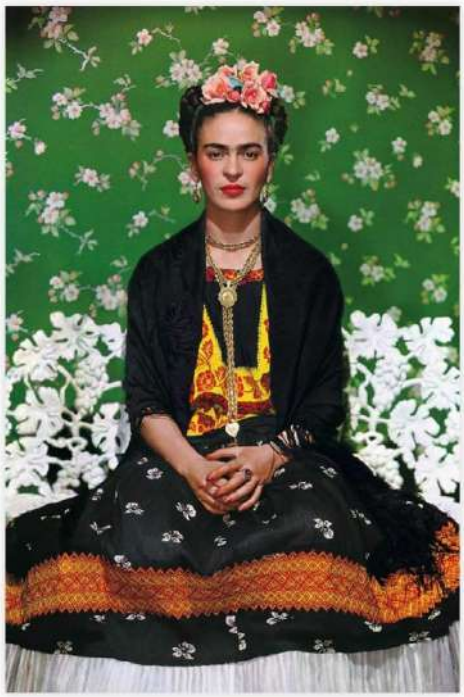
Leia os texto a seguir para compreender como a jovem Frida se tornou um ícone de força feminina e como sua coragem e sua imagem se tornou um símbolo apropriado pela indústria cultural:

Frida Kahlo, a mãe da self

A chamada "*Fridamania*" converte a imagem da pintora mexicana em um verdadeiro ícone pop, fazendo com que ela esteja presente em toda parte, de bolsas e camisetas a capas de revista e figurinos de celebridades como Beyoncé, mas especialmente em sites, páginas e coletivos feministas.

Há muito poder em sua imagem, mas até que ponto transformamos Frida Kahlo numa estética idealizada? Até que ponto essa imagem icônica e pop corresponde aos ideais e propostas da pintora politizada que fez de seu corpo uma ferramenta de resistência para pintar sua realidade?

A pesquisadora Cátia Inês Schuh, que elaborou a tese "A prospecção pós-moderna da comunicação visual



Frida Kahlo em fotografia de Nickolas Muray. Capa da revista Vogue México em 2012.

no imaginário de Frida Kahlo", que se debruça sobre a apropriação da imagem da pintora mexicana pela indústria cultural e do consumo. Em uma entrevista, a estudiosa disse que Frida é a mãe da selfie, já que grande parte de seu trabalho é composta por autorretratos. "Frida Kahlo já se expunha nas redes sociais antes de isso ser modinha e, provavelmente, seria uma famosa blogueira de moda nos dias de hoje, já que desenhava e customizava suas roupas e sapatos", ela afirma.

Sua individualidade e sua sexualidade estão constantemente presentes em suas representações. Frida tinha como um tema central de sua obra a potência do corpo. O simples fato de seu corpo existir era uma resistência a tantas intervenções decorrentes do acidente que sofreu e das cirurgias que fez.

Em 17 de setembro de 1925, aos 18 anos, Frida sofreu um grave acidente de trânsito: o ônibus em que estava bateu num bonde. Em seu diário, ela afirmou que o ônibus foi esmagado e o corrimão a transpassou como a espada transpassa o touro. Inúmeras fraturas, um mês no hospital. Ela saiu do hospital para um longo período de imobilização, em que não havia como continuar os estudos e, a partir daí, começou a emergir sua criação.

Única aprendizagem possível: a de si mesma, captada pelo pequeno espelho das dimensões de um retrato. Único material humano: o seu, pois não podia ir ao encontro dos outros, mas sempre cercada pela expressão que os grandes retratistas alemães e italianos davam à figura humana.

Desse confronto com a própria identidade, nasceram as problemáticas que tocaram a própria essência da arte: a ilusão, o desdobramento, a relação com a morte. Bem mais que uma autobiografia, seus autorretratos se revelam como "imagens do interior" de uma mulher que se lançou em uma busca tanto existencial quanto estética, de um ser em processo de vir a ser, de uma consciência que nasce.



Frida Kahlo ao lado de "As Duas Fridas", considerada a obra mais famosa da artista mexicana. (Foto: fridakahlo.org)

Uma mulher manca, com uma monocelha, que usa roupas extremamente coloridas e um fenótipo com fortes traços indígenas. Como pode ter virado ícone de referência estética sem que quase ninguém questione esses aspectos tão criticados nas mulheres comuns? Em seus autorretratos, Frida está sempre nos mirando. Talvez procurando uma verdade em

nosso olhar ou talvez apenas indicando que ela existe, tanto quanto nós, mas que ali há uma resistência diária em viver.

O capacitismo de nossa sociedade cultua o corpo útil e aparentemente saudável. Esconder suas deficiências por meio das roupas podem indicar a maneira que Frida escolheu para enfrentar o preconceito. Vaidosa e certa de como queria ser representada, acaba por criar uma emancipação em sua forma de representação, escolhendo como gostaria de ser vista no imaginário social. Sua fragilidade, medos e receios estavam expostos em suas obras. Portanto, temos essa Frida que emerge com força, feminilidade e autenticidade nas fotografias e a Frida dos autorretratos, em que o olhar sempre marcado e o corpo exposto evidenciam suas dores.

Exotismo, ambiguidade e excentricidade também são adjetivos usados para descrever os sentimentos que temos em relação a Frida Kahlo. Definitivamente sua imagem não nos permite ser indiferentes.

Penso que Frida Kahlo construiu esse feminismo provocativo da imagem justamente para questionarmos nossas ações e nossa forma de se ver no mundo. O que é possível criar e construir com limitações físicas num mundo tão capacitista? A arte foi sua resposta. Não me parece à toa que ela tenha se tornado uma figura tão popular entre as feministas, mas acho que podemos ir além da simples impressão de sua imagem em camisetas e bolsas, precisamos resgatar e amplificar sua voz e ideais que apontam para um feminismo mais inclusivo.

Bia Cardoso. BLOGFEM. Frida Kahlo: imagem, corpo e feminismo.
Disponível em: *blogueirasfeministas.com/2015/07/06/frida-kahlo-imagem-corpo-e-feminismo/* (Texto Adaptado)

O que é Indústria Cultural?

O conceito de “Indústria Cultural” foi desenvolvido por dois intelectuais alemães, Max Horkheimer e Theodor Adorno, no livro “Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos”, publicado em 1940, ou seja, primeira metade do século XX.

Acontece, porém, que as origens dessa indústria datam de outro momento histórico, mais especificamente na virada do século XIX para o XX, quando a produção capitalista em larga escala se estabelece e favorece avanços tecnológicos que permitiram que a cultura passasse a ser produzida de forma rápida e destinada ao consumo rápido. A arte passou a ser destinada ao consumo rápido e, consequentemente, ao lucro.

Em síntese, a Indústria Cultural é um fenômeno que se aproveita da cultura de diferentes regiões do mundo para fabricar seus produtos. No entanto, sua influência vai além, promovendo modificações no estilo cultural dos indivíduos, resultando em um comportamento muitas vezes caracterizado por um consumo excessivo.

A produção cinematográfica marcou o início do que Horkheimer e Adorno chamaram de Indústria Cultural. A produção de filmes deu início a um processo de produção mais rápido e dinâmico, pronto para o consumo e que poderia ser apresentado a um número grande de pessoas, diversas vezes ao dia.

Além disso, a indústria do cinema foi a responsável pela criação de um modelo de roteiros que agradam o maior número de espectadores e são o padrão que ainda se repete em boa parte dos filmes: a luta dicotômica entre vilão e mocinho, o casal apaixonado que fica junto apenas no final, a mocinha ou mocinho que sofre com as maldades do vilão ou o soldado herói que livra a pátria e os cidadãos dos perigos das nações inimigas. Essa indústria também foi responsável pela padronização do modelo de vida que deveria ser seguido e copiado pelos espectadores. Modelo de vida baseado na realidade das classes dominantes, a fim de promover a alienação das classes dominadas.

Adorno e Horkheimer consideravam que a Indústria Cultural é uma produção baseada na apropriação do conjunto de todas as formas artísticas e expressões culturais, dos diversos grupos ao redor do mundo, reproduzidas de forma esvaziada e com o intuito maior de gerar lucro e estimular o consumo, o que provoca a decadência das formas mais originais e criativas de fazer arte e cultura. Em contrapartida, outro estudioso alemão da Escola de Frank-

furt, Walter Benjamin, irá defender um ponto positivo que escapa às intenções da Indústria Cultural: a democratização do acesso e da produção cultural que por muito tempo ficou restrita a uma elite econômica. Em outras palavras, Benjamin compreende que a propagação massiva possibilita levar as produções artísticas a um número maior de pessoas e, ao mesmo tempo, permite que essas pessoas dominem as ferramentas de produção cultural e as empregue de forma não comercial.

Por Natália Cruz. Disponível em: *querobolsa.com.br/enem/sociologia/industria-cultural* (Texto adaptado)

Depois de ler os textos, responda e troque ideias com seus colegas e professores sobre as questões propostas:

1) Explique a diferença simbólica entre uma obra de arte ou uma manifestação cultural genuína e uma produção fabricada pela Indústria Cultural?
2) Cite um exemplo de arte, presente em sua realidade, criada e disseminada de forma independente, isto é, sem a chancela da indústria cultural.
3) De acordo com o que você compreendeu da leitura, qual é o problema da indústria cultural se apropriar de uma criação artística ou de uma manifestação popular?
4) O texto 1 afirma que houve uma apropriação da imagem pessoal e da obra de Frida Kahlo pela indústria cultural. Depois de entender o que é a indústria cultural, discuta de que forma essa indústria se utiliza da artista mexicana?
5) Diante de tudo o que foi apresentado no texto 1, que motivos poderiam explicar o fato da artista mexicana ter se tornado um ícone para as lutas feministas?

ATIVIDADE PARA O TEMPO VIVENCIAL:

Há muitas mulheres que passaram por situações desafiadoras, como Frida Kahlo, mas que não se tornaram famosas, que não tiveram sua história reconhecida.
Na sua família, na sua vizinhança ou na sua comunidade, há alguma mulher com uma história de vida que mereça ser reconhecida e apresentada aos mais jovens como exemplo de luta e de força feminina? Que tal ir em busca dessa história e apresentá-la a todo mundo?
Pense em alguma pessoa, se tiver contato com ela, dialogue e conheça detalhes da sua história e, caso ela autorize, busque uma forma de representar sua história e homenageá-la. Pode ser por meio de um poema, uma pintura em quadro ou um grafite, uma música, um clipe, um documentário, enfim, o que a sua criatividade mandar.
Na data marcada para a entrega, se for possível e se seus professores autorizarem, convide essa mulher para receber a homenagem na escola.

ORIENTAÇÕES

Professor(a), para complementar o assunto "Indústria Cultural", deixamos como sugestão o vídeo a seguir. A depender da sua avaliação a respeito da necessidade da turma, ele poderá ser exibido e discutido em sala: https://youtu.be/F98L-qQt0Rd8?si=Cj_Sx7vlo71RI6CP

ORIENTAÇÕES

Professor(a), é importante dialogar sobre os textos antes de propor essas questões, para que os estudantes compreendam bem os conceitos apresentados, sobretudo no segundo texto. Quanto às questões: 1) Espera-se que os estudantes compreendam que a produção artística e cultural genuína nasce de uma necessidade humana de se expressar e de demarcar um modo próprio de viver e de enxergar o mundo e, por isso mesmo, ela é diversa, ela pode ser bela ou grotesca, ela dialoga com os sujeitos de forma múltipla. Já um produto da indústria cultural faz exatamente o contrário, esvazia a subjetividade, o sentido humano da arte, empobrece a diversidade e a pluralidade, busca impor um modo único de ver o mundo e visa ao consumismo acima de tudo; 2) Aqui podem aparecer muitas possibilidades, desde as manifestações tradicionais, como o congo e outros ritmos, até as manifestações contemporâneas e urbanas, como o slam, o rap, o grafite, o funk independente, etc.; 3) Quando a indústria cultural se apropria de uma manifestação popular/tradicional, ela não respeita a identidade e a história do grupo ou da pessoa que deu origem àquela tradição, promovendo um apagamento em nome do lucro que favorece quase sempre pessoas estão distantes daquelas culturas; 4) Frida Kahlo é uma figura icônica, presente hoje em diversos produtos, como agendas, camisetas, bolsas e até joias, isso mostra como a indústria cultural tem se apropriado da força que sua imagem representa. Entretanto, poucas pessoas conhecem a história de vida dessa artista, as mazelas que ela precisou enfrentar, seu posicionamento político e sua vida privada em um relacionamento abusivo e conturbado com o também artista Diego Rivera. Essa falta de conhecimento mostra como funciona o esvaziamento de Frida Kahlo promovido pela indústria cultural: sua imagem é propagada, mas suas ideias e suas lutas não são; 5) As pautas feministas elegeram Kahlo como um símbolo, por dialogarem muito com aquilo que a mexicana representa em sua essência. Isso porque, além de romper com padrões de beleza reafirmando sua própria imagem - o texto enfatiza que ela era uma mulher latina, miscigenada, monocelha, deficiente e com um estilo peculiar -, Frida superou, desde muito nova, suas limitações físicas e sempre se posicionou politicamente a favor de pautas sociais, em defesa da mulher, dos pobres e do povo latino.

A JUVENTUDE EM DIFERENTES GERAÇÕES

TEXTO 1:

Dossiê Geração X, Y, Z: Transformações operadas pelos avanços da tecnologia

Prof. Eduardo Fonseca

Durante muito tempo, considerava-se que o período entre duas gerações seria de, aproximadamente, 25 anos. No entanto, as transformações operadas pelos avanços da tecnologia, em todas as áreas, mudaram a vida social. Verificou-se uma "aceleração do tempo". Surgiram novas "marcas de tempo", ou seja, eventos e/ou "inventos" que tornaram os intervalos entre as gerações mais curtos. Alguns chegam a calculá-lo em aproximadamente 10 anos.

(...) Cada nova geração, com novas "marcas de tempo", tem demandas específicas que se chocam com instituições como família, escola, empresas, igrejas e estados. Assim, é importante que se tenha em mente que não estamos falando simplesmente de um choque entre indivíduos de gerações diferentes, mas de indivíduos de gerações diferentes contra os valores e instituições que representam ou tentam mudar.



Imagem As diferente gerações - por Roger Silva

Geração X
De um modo geral, entendemos a Geração X como aquela que reúne indivíduos nascidos entre as décadas de 1960 e 1970. Nos Estados Unidos, o termo Geração X referiu-se, inicialmente, ao período do "baby bust", ou seja, a geração pós-baby boom, quando as famílias começaram a ter menos filhos. Desenvolvendo um outro olhar para o mundo e seus problemas, preocuparam-se muito mais com questões ambientais e ecológicas. Por não acreditarem na instituição "casamento" como indissolúvel, os índices de divórcio aumentaram drasticamente.

Geração Y... os filhos de X
A geração "Y" ou "Millennials", por ser a geração do milênio, é constituída pelos nascidos nos anos 1980 e início da década de 1990. Duas "marcas de tempo" são importantes para melhor entendimento desta geração: o desenvolvimento tecnológico e a prosperidade econômica. Por terem acompanhado a revolução tecnológica desde cedo, com o uso de computador pessoal, de internet e de celular, tiveram algumas de suas dúvidas solucionadas de forma rápida e individual.

Geração Z
Esta geração agrupa os indivíduos nascidos nas décadas de 1990 e 2000 e são os "nativos digitais", estando muito mais familiarizados com internet, compartilhamento de arquivos, telefones celulares e música. São extremamente conectados.

	Geração X	Geração Y	Geração Z
Data de nascimento	Entre 1961 e 1978	Entre 1979 e 1994	A partir de 1995
Características	São práticos, empreendedores e independentes. Respeitam autoridades e hierarquias. Preferem ler livros.	São questionadores, multitarefas (fazem várias coisas ao mesmo tempo), imediatistas. Buscam prazer no trabalho. Preferem meios eletrônicos.	Ligados em socialização também por meios eletrônicos, preocupados com beleza. Aprendem muito rápido, porém têm dificuldade de concentração.
Palavras-chave	Coletividade, cultura, popularização.	Tecnologia, velocidade, individualismo, urgência.	Vaidade, dispersão, flexibilidade.

Fonseca, Eduardo. Dossiê geração X,Y,Z. Disponível em: <http://www.neteducacao.com.br/experiencias-educativas/dossie>. Acesso em: 15 maio 2015. Adaptado para fins de vestibular.

Os indivíduos nascidos até 2010 pertencem à geração Z. Já os nascidos a partir de 2011 são caracterizados como geração Alfa. A exposição à tecnologia e a telas é ainda mais forte nessa nova geração.

TEXTO 2:

A geração que vai mudar o mundo

Durante muito tempo, considerava-se que o período entre duas gerações seria de, aproximadamente, 25 anos. No entanto, as transformações operadas pelos avanços da tecnologia, em todas as áreas, mudaram a vida social. Verificou-se uma "aceleração do tempo". Surgiram novas "marcas de tempo", ou seja, eventos e/ou "inventos" que tornaram os intervalos entre as gerações mais curtos. Alguns chegam a calculá-lo em aproximadamente 10 anos.

(...) Cada nova geração, com novas "marcas de tempo", tem demandas específicas que se chocam com instituições como família, escola, empresas, igrejas e estados. Assim, é importante que se tenha em mente que não estamos falando simplesmente de um choque entre indivíduos de gerações diferentes, mas de indivíduos de gerações diferentes contra os valores e instituições que representam ou tentam mudar.

Eles são otimistas, acreditam que podem fazer a diferença, têm espírito empreendedor e são ultraconectados. Também podem ser descritos como narcisistas, excessivamente confiantes e um tanto mimados. O retrato dos jovens nascidos entre os anos 1980 e 2000 depende do ângulo escolhido e da lente utilizada. Mas a juventude de hoje, que cresceu embalada pela maior revolução tecnológica dos últimos tempos, a internet, vem transformando o seu tempo com uma eloquência que não se via desde os anos 1960 e 1970, quando a garotada fez barulho pela liberdade sexual e contra os regimes ditatoriais e as guerras. Educados sob o lema "yes, you can" (sim, você pode), interligados pela rede mundial onde compartilham ideais e ambições, eles estão mudando a forma de se relacionar, trabalhar, fazer política e negócios.

Rodrigo Cardoso; Mariana Brugger; Andres Vera. A geração que vai mudar o mundo, 2013.

Discuta com seus colegas e professores sobre o assunto dos textos apresentados, partindo das seguintes proposições:

a) Ambos os textos trazem características e comparações entre diferentes gerações, sendo a atual geração caracterizada como aquela que tem como principal traço a vida profundamente conectada com as tecnologias e o mundo cibernético. Como você, enquanto jovem, caracterizaria sua própria geração? Em que pontos você concorda ou discorda dos textos?
b) De acordo com o texto 1, houve um encurtamento do período que separa uma geração e outra, de aproximadamente 25 para 10 anos. Dialogue com seus colegas sobre a "aceleração do tempo" que, segundo o texto, foi o fator que causou esse encurtamento entre uma geração e outra.
c) Você concorda com a ideia de que a geração Z é a "geração que vai mudar o mundo", como afirma o título do texto 2? Por quê?
d) Pense em alguns exemplos em sua realidade que comprovem que a geração atual de jovens está "mudando a forma de se relacionar, trabalhar, fazer política e negócios".

ORIENTAÇÕES

Professor(a), nesta atividade podem surgir muitas possibilidades de resposta e muitas discordâncias, sobretudo porque a separação entre as gerações nem sempre são 100% definidas e também porque pode haver diversidade intergeracional na turma. O importante é nesta atividade e aceitar e acolher as diferenças e aproveitar as trocas.

ATIVIDADE PARA O TEMPO VIVENCIAL:

- Você e seus colegas devem se dividir em duplas ou pequenos grupos e, com o auxílio e a orientação dos professores, identificar na própria família ou entre pessoas do seu convívio representantes das cinco diferentes gerações (geração Baby Boomers, gerações X, Y, Z e geração Alfa).
- Dialogue sobre alguns temas previamente definidos, como trabalho, família, amor, tecnologia, música e arte, elabore um roteiro para facilitar e procure registrar o que cada geração pensa sobre esses temas.
- Por fim, pesquise os fatos históricos mais marcantes, no Brasil e no cenário internacional, referentes a cada um dos três períodos apresentados no quadro do Texto 1.
- Na data marcada com os professores, compartilhe os resultados, apresentando alguns dos pontos levantados durante os diálogos e as pesquisas referentes a cada geração, a fim de comparar as semelhanças e diferenças registradas por você e seus colegas.

ORIENTAÇÕES

Professor(a), para a melhor organização dessa atividade, a depender do tamanho da turma, é interessante dividi-la em grupos ou duplas. Embora eles possam dialogar com os diferentes representantes de cada geração - que podem ser familiares ou pessoas de seu convívio em outros ambientes sociais -, no momento da apresentação, é melhor que cada grupo/dupla, represente apenas uma ou, no máximo, duas gerações.

O objetivo dessa atividade é promover o diálogo intergeracional e a compreensão das semelhanças e diferenças que perpassam essas gerações, bem como a influência do contexto sócio histórico sobre o comportamento. A partir das pesquisas, pode-se ter uma boa base e contextualização para trabalhar assuntos relacionados aos componentes de Sociologia e História.

PLANOS, SONHOS E A VIDA EM MOVIMENTO

Propomos que você leia a letra da música atentamente e procure compreender como ela fala sobre a expectativa do futuro, os sentimentos, as amizades, o que somos hoje e como seremos amanhã. Depois de ler, acesse e assista ao vídeo, sinta seu ritmo e sua harmonia.

Nada será como antes

Eu já estou com o pé nessa estrada
Qualquer dia a gente se vê
Sei que nada será como antes, amanhã

Que notícias me dão dos amigos?
Que notícias me dão de você?
Alvoroço em meu coração
Amanhã ou depois de amanhã
Resistindo na boca da noite um gosto de Sol

Num domingo qualquer, qualquer hora
Ventania em qualquer direção
Sei que nada será como antes, amanhã

Que notícias me dão dos amigos?
Que notícias me dão de você?
Sei que nada será como está
Amanhã ou depois de amanhã
Resistindo na boca da noite um gosto de Sol

Num domingo qualquer, qualquer hora
Ventania em qualquer direção
Sei que nada será como antes, amanhã

Que notícias me dão dos amigos?
Que notícias me dão de você?
Sei que nada será como está
Amanhã ou depois de amanhã
Resistindo na boca da noite um gosto de Sol



Capa do álbum "Clube da Esquina", de 1972, considerado o "Maior álbum brasileiro de todos os tempos".

Milton Nascimento e Ronaldo Bastos. Álbum Clube da Esquina, 1972.

https://www.facebook.com/ronaldodubas/videos/dispersos-cia-de-teatro-nada-ser%C3%A1-como-antes-milton-nascimento-ronaldo-bastos/3410989642246925/?locale=pt_BR

Após ler e ouvir a música, dialogue com seus colegas e professores, tomando como ponto de partida as questões propostas a seguir:

1) De que forma os compositores desenvolvem, na letra, a ideia apresentada no título “Nada será como antes”?
2) Há alguma pista do que irá causar a mudança anunciada no título?
3) Considerando o cenário em que essa música foi composta, que tipo de sentimentos a letra pode expressar?
4) Discuta sobre os sentidos que podem ser dados ao verso: “Resistindo na boca da noite um gosto de Sol”.
5) Você diria que a letra e as mensagens implícitas continuam atuais?

ORIENTAÇÕES

Professor(a), a canção de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos levanta temas que são universais e comuns a qualquer geração, em qualquer época: as mudanças, a impossibilidade de algumas permanências, a perda ou distanciamento de algum amigo, a saudade, a melancolia e ao mesmo tempo as alegrias de novas descobertas e a esperança no futuro 1) Tudo isso é desenvolvido a partir do título, mas sem nenhuma informação específica, sem nenhum detalhamento, a canção inteira nos traz apenas “pistas”, “sugestões”. Entretanto, conseguimos ampliar e compreender essas pistas, talvez por compartilharmos de experiências semelhantes. 2) Logo no primeiro verso, “eu já estou com o pé nessa estrada”, podemos pensar que “nada será como antes” porque alguém está partindo, em uma viagem ou se mudando para outra cidade e até outro país. 3) O verso “alvoroço em meu coração” nos permite perceber que os sentimentos estão afetados, agitados. Considerando que essa música foi composta no período da ditadura militar brasileira, em que muitas pessoas eram obrigadas a fugir ou se exilar, podemos pensar em alguém que está nessa situação de fuga/exílio e, portanto, esse “alvoroço” seria de medo, de apreensão, mas podemos pensar também em um sentimento de esperança ou anseio para que esse cenário mude o quanto antes e o “amanhã ou depois de amanhã” seria o desejo de quem, em um futuro breve, não haja mais repressão ou perseguição. 4) “As figurações de linguagem presentes no verso “Resistindo na boca da noite um gosto de Sol” são muito ricas e nos colocam novamente uma multiplicidade de sentidos. Para começar, o verbo no gerúndio, “resistindo”, demonstra uma ação contínua no tempo presente, ou seja, algo que acontece prolongadamente; já a expressão popular “na boca da noite”- que quer dizer “ao anoitecer” ou “ao fim do dia” - prenuncia a chegada da escuridão, o que pode remeter ao medo, ao enfrentamento de uma situação difícil, mas a expressão “gosto de Sol”, traz uma oposição a essa escuridão e representa o otimismo, reforçado pela menção ao astro que nos fornece energia, calor, luz e todas as condições naturais necessárias à vida na terra. A ideia de “um gosto de Sol” ainda traz uma mistura de sensações apreendidas por diferentes sentidos - o paladar, a visão e o tato, o que reforça a vida, o desejo de resistir e sentir tudo plenamente, mesmo que diante da incerteza da “noite”. 5) A mensagem universal dessa música é a de que nada, de bom ou de ruim, é permanente, “nada será como antes” e nossa única certeza é a mudança e, ainda que isso nos traga “alvoroço” e talvez algumas perdas, devemos resistir e manter a esperança. A universalidade desse tema faz com que essa música esteja sempre atual e dialogue com diversas gerações, em diferentes situações, como mostra o vídeo proposto, cuja gravação se deu durante a pandemia da Covid-19, por uma companhia de teatro que ressignificou o sentido da música para esse novo contexto.

A Sociedade em que vivemos está “cansada”?

É preciso ter cuidado com a ideia de ser otimista, de persistir e de resistir diante das dificuldades do nosso tempo. É claro que precisamos, sim, enfrentar nossos problemas, mas algumas armadilhas, como a “positividade tóxica”, e discursos “motivacionais”, a exemplo de “não pense em crise, trabalhe” ou “trabalhe enquanto eles dormem”, discursos que podem nos levar a assumir problemas cuja solução está fora do nosso alcance ou são da responsabilidade de esferas políticas e econômicas com muito mais poder que os indivíduos isolados.



Infelizmente, a sociedade contemporânea está organizada de modo a individualizar as responsabilidades, o que leva ao adoecimento das pessoas, sobretudo os mais jovens, que estão cada vez mais ansiosos, deprimidos e sobrecarregados diante da necessidade de se mostrarem sempre ativos e bem-sucedidos. Tudo isso, porém, faz parte de uma estratégia que beneficia grupos privilegiados e escraviza a mente dos trabalhadores. Ter consciência disso, discutir e debater formas de combater essa organização social que adoece é nossa única forma de buscar coletivamente alguma melhora.

Algumas dessas ideias são discutidas pelo sul-coreano Byung-Chul Han, em seu ensaio “Sociedade do cansaço”.

Vamos entender um pouco mais, assistindo ao vídeo a seguir:

https://youtu.be/IP_QNqc3uFU?si=qFu8Ar5XhsuWgyuD

Discuta com seus colegas e professores sobre o assunto apresentado no vídeo:

- Você já sentiu algum dos sintomas apresentados como traços da "Sociedade do cansaço"?
- O que Han quer dizer ao propor que as pessoas insiram mais "negatividade" em sua rotina?
- Na sua opinião, quem você acha que se beneficia quando as pessoas se obrigam a estar sempre "motivadas", empenhadas em trabalhar, em superar metas e em parecer sempre alegres e bem-sucedidas, ainda que isso seja falso?
- Leia a frase e contemple a imagem a seguir: Como elas representam o indivíduo que vive na sociedade atual, chamada de sociedade do cansaço?

"Numa Sociedade do Cansaço estamos sempre fadados a falhar. Se não com o trabalho, com a família. Se não com a família, com os amigos. Se não com os amigos, com os projetos pessoais. O lamento do depressivo, "não posso mais...", só é possível numa sociedade que crê que nada é impossível. "Não-mais-poder leva a uma autoacusação destrutiva e a uma autoagressão". O ócio é o pecado capital por excelência. O sujeito do desempenho encontra-se em guerra consigo mesmo."

– Sociedade do Cansaço, Byung-Chul Han



Ilustração de Emiliano Ponzi (Disponível em: https://razaoinadequada.com/2017/06/25/byung-chul-han-sociedade-do-cansao/)

Por fim, elabore um artigo de opinião ou uma dissertação, desenvolvendo o tema: "Sobrevivendo às tensões de uma sociedade que não permite o cansaço".

ORIENTAÇÕES

Professor(a), é importante mediar essa discussão, sobretudo porque podem surgir diferentes pontos de vista, pode ser que nem todos já tenham vivenciado algum sintoma da "sociedade do cansaço", mas é possível abordar, por exemplo, o fato de estarmos sempre conectados à dispositivos, de raramente apreciarmos o silêncio, de sentirmos que o tempo passa cada vez mais rápido, de pessoas cada vez mais jovens sofrerem de ansiedade, depressão ou algum outro transtorno mental. Quando o autor fala em inserir "negatividade" em nossa rotina, ele busca apontar um caminho para superarmos esse sintoma, com atividades menos estimulantes, longe de telas e dispositivos eletrônicos, talvez até consideradas entediantes, mas necessárias para o melhor funcionamento do nosso cérebro. Talvez seja importante pontuar que quem mais se beneficia de sermos obrigados a produzir e estar sempre motivados são aqueles que exploram nossas energias e lucram com nosso trabalho ou com aquilo que consumimos. Por fim, a frase de Han e a imagem ilustram e resumem perfeitamente como a sociedade atual está se afundando e adoecendo, por se ver obrigada a ter sucesso em todas as áreas, a mostrar para os outros o quanto está bem e o quanto é produtiva e bem sucedida.

OS JOVENS E O MUNDO DO TRABALHO

Para grande parte dos brasileiros, estudar e trabalhar é a única forma de sobreviver e, ao mesmo tempo, buscar melhores condições de vida. Uma grande angústia entre os jovens que concluem o ensino básico é justamente conseguir uma oportunidade de emprego. Vamos ler um texto e buscar informações importantes sobre os caminhos que podem ser trilhados depois da escola:

PARA DEPOIS DA ESCOLA

Geralmente, ao terminar o ensino médio ou a faculdade, o primeiro impulso da maioria dos jovens é ir em busca de um trabalho. Contudo, existem alguns pontos que podem ajudar ou atrapalhar a procura pelo tão esperado primeiro emprego. Falta de habilidades técnicas, pouco autoconhecimento profissional ou a ausência de experiência de uma forma global podem ser alguns dos empecilhos que os profissionais em início de carreira podem enfrentar.

Entretanto, saber aproveitar os pontos fortes também é essencial. Entender seus próprios talentos e voltar os esforços para as áreas com maior **empregabilidade** são alguns dos passos a se tomar em direção a porta de entrada do mercado de trabalho.



Participação de jovens no mercado de trabalho

Energia e vontade de aprender compensam a falta de experiência? Essa é uma pergunta que não tem uma resposta absoluta, porém se trata do dilema que a maior parte dos jovens que está começando a vida profissional enfrenta. Cada um desses pontos tem suas forças e fraquezas, que devem ser manipulados da forma correta, para garantir o esperado sim durante o processo de uma vaga de emprego.

ORIENTAÇÕES

Professor(a), o objetivo do vídeo e do texto apresentados a seguir é propor uma reflexão sobre as dificuldades, oportunidades e possibilidades para os jovens que estão concluindo o ensino básico. Depois da leitura e do vídeo, crie um espaço seguro de diálogo/escuta, a fim de permitir que os estudantes expressem o que pensam e desejam em relação ao mundo do trabalho, se já estão inseridos de alguma forma no trabalho, que planos fazem em relação a continuar os estudos (no ensino técnico ou no ensino superior) e em relação à busca por melhores condições de trabalho.

Se achar oportuno e houver condições, seria interessante convidar um especialista para dar uma palestra ou uma orientação vocacional; pode ser feita, ainda, uma visita a um campus do Instituto Federal, à Universidade Federal ou mesmo a uma faculdade. Estimule-os a se informar e se inscrever para a prova do ENEM e para outros processos seletivos, mostrando que há perspectivas e oportunidades variadas para quem conclui o ensino básico.

Dificuldade dos jovens no mercado de trabalho

Hoje no Brasil, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 9,3% da população geral está desempregada. Isso representa mais de 10 milhões de pessoas no país. Quando olhamos de mais perto, o recorte de jovens de 18 a 24 anos, esse índice sobe para 19,3%. Isso é mais do que o dobro.

Ter pouca ou nenhuma experiência formal no mercado de trabalho, com certeza, é o principal obstáculo que os jovens enfrentam quando o assunto é emprego. Para aqueles que ainda não trabalharam, a primeira oportunidade parece impossível, já que a lista de requisitos que as empresas pedem é cada vez maior e mais rígida.

Contudo, para quem já trabalhou alguma vez, a situação não é muito melhor. Mesmo o pouco tempo de trabalho ainda não é o suficiente para construir a experiência que as vagas pedem. Aliado a isso, existe a questão de que com pouco ou zero tempo de mercado, os candidatos não possuem autoconhecimento suficiente, seja para entender onde, como e com o que querem trabalhar, ou até mesmo entender suas habilidades, a fim de serem capazes de se venderem melhor para uma vaga, por exemplo.

Por último, mas não menos complicado, o conflito de gerações dentro das empresas é algo que também dificulta a vida dos jovens no mercado de trabalho. Determinadas áreas costumam ser dominadas por profissionais que já possuem anos de carreira. Logo, para uma pessoa mais iniciante, é difícil competir com as qualificações de um colega mais experiente. Isso acaba tornando o jovem menos atraente para algumas vagas.

Oportunidade de inserção dos jovens no mercado de trabalho

Olhando a situação por outro ângulo, é possível pensar também no interesse das empresas em economizar tempo e dinheiro. Contratar pessoas com pouca experiência e tempo de mercado permite aos empregadores pagar salários menores e moldar mais os profissionais, que não possuem vícios de outras empresas. Com isso, eles se desenvolvem de acordo com os interesses e necessidades daquele local específico de trabalho.

Além disso, muitos lugares pensam em chamar justamente pessoas em início de carreira, como uma forma de dar a primeira oportunidade e ensinar, a fim de que a inserção desse jovem seja mais tranquila. Esse é o caso de programas de Jovem Aprendiz, vagas oferecidas pelo CIEE (Centro de Integração Empresa-Escola) e até trabalhos sociais.

Uma área que possui projetos de incentivo a profissionais de nível júnior é a de tecnologia, que está entre as áreas mais procuradas nos dias de hoje. Essa área tem crescido muito, o que faz com que essa prática se torne cada vez mais comum. Pessoas mais jovens dentro das empresas as tornam mais competitivas no negócio, com ideias mais frescas e pontos de vista diferentes.

Uma forma de estudar para atuar nessas áreas, é optar por cursos técnicos e profissionalizantes, que são cursos de curta e média duração, podendo variar de dois meses até três anos e sempre com foco na prática. Justamente por isso, podem ser uma solução para quem precisa se colocar rapidamente no mercado de trabalho.

Como saber que profissão devo seguir?

É muito comum ter dúvidas sobre que profissão escolher. Por ser uma decisão que se deve tomar ainda muito jovem e que irá impactar por toda a vida, a escolha da profissão é muitas vezes um grande dilema.

Alguns seguem a mesma profissão escolhida pelos pais, outros preferem seguir por caminhos diferentes e há ainda os que pegam a oportunidade que surgir, principalmente quando têm urgência em garantir seu sustento ou ajudar financeiramente a família.



Vamos aproveitar esse momento para pensar um pouco mais sobre isso. Comece se perguntando:

- Em que você é bom?
- O que você gosta de fazer?
- O que você ainda não sabe fazer, mas gostaria de aprender?

Seja sincero com você mesmo, pois respostas como “gosto de comer” ou “gosto de dormir” não valem, hein? Dançar as coreografias famosas das redes sociais, cozinhar pratos diferentes da internet, ajudar os colegas na escola/faculdade com as disciplinas... Qualquer uma dessas coisas pode se desdobrar em uma profissão. Pensar bastante nas coisas que você já sabe fazer ou nas coisas que te dão prazer em fazer, como hobbies, é uma ótima maneira de começar a decidir sua profissão.

A partir daí, pesquise o dia a dia de um profissional da área que você quer trabalhar. Olhe as atividades mais rotineiras e os problemas enfrentados todos os dias. Se possível, procure até alguém que já esteja inserido no mercado, para conversar e te ajudar com dúvidas mais pontuais.

Além disso, para quem se pergunta “como saber a carreira que quero seguir”, uma alternativa é fazer um teste vocacional para responder a essa questão fundamental. O teste vocacional nada mais é do que uma ferramenta que tem como objetivo ajudar o jovem a descobrir qual é a sua vocação profissional, ou seja, o seu dom e quais são as possíveis áreas que podem ter mais a ver com os seus interesses, habilidades e com a sua personalidade.

Adaptado de: pravaler.com.br/blog/profissoes/jovens-no-mercado-de-trabalho/

Zoomers, a geração que não quer trabalhar?
A relação das novas gerações com o trabalho sofreu mudanças? Será verdadeira a ideia de que há um grupo de pessoas que não quer mais trabalhar? É possível viver sem trabalho? Vamos buscar essas respostas assistindo ao vídeo a seguir.

https://youtu.be/RgnW3m-P8ArQ?si=CPvgVxR69Vd-nTQV7

Depois de ler o artigo sobre jovens no mundo do trabalho e assistir à reportagem sobre a geração que, supostamente, “não quer trabalhar”, dialogue em uma roda de conversa sobre seus projetos e anseios para o futuro. Troque ideias com seus colegas e professores sobre o que você sonha em conquistar profissional e pessoalmente, se já trabalha, se gostaria de trabalhar em algum lugar ou em alguma função específica, se pensa em fazer uma faculdade ou curso técnico, após concluir a EJA.

DEBATES PARA COMBATER O EXTERMÍNIO DA JUVENTUDE

Música de abertura:

Rapaz Comum (Racionais MCs)



Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay se conheceram no final da década de 1980 e formaram o grupo de rap Racionais MC's. Com suas letras e seu estilo, o grupo de São Paulo educou e inspirou novas gerações do rap no Brasil inteiro.

Parece que alguém está me carregando, perto do chão
Parece um sonho, parece uma ilusão
A agonia, o desespero toma conta de mim
Algo no ar me diz que é muito ruim
Meu sangue quente, não sinto dor
A mão dormente não sente o próprio suor
Meu raciocínio fica meio devagar
Quem me fudeu? Eu tô tentando me lembrar
Cresceu o movimento ao meu redor
Meu Deus! Eu não sei mais o que é pior
Mentir a vida toda pra si mesmo
Ou continuar e insistir no mesmo erro
Me lembro de um fulano (mata esse mano!)
Será que errar dessa forma é humano?
Errar a vida inteira é muito fácil
Pra sobreviver aqui, tem que ser mágico
Me lembro de várias coisas ao mesmo tempo
Como se eu estivesse perdendo tempo
(A ironia da vida é foda!)
Que valor tem? Quanto valor tem?
Uma vida vale muito, vim saber só agora
Deitado aqui e os manos na paz, tudo lá fora
Puxando ferro ou talvez batendo uma bola
Pode crer (deve tá mó Lua da hora)
Tem alguém me chamando, quem é?
Apertando minha mão, tem voz de mulher
O choro a faz engolir as palavras
O lenço que enxuga meu suor, enxuga sua própria lágrima
No rosto de uma mãe, que reza baixinho

ORIENTAÇÕES

Professor(a), como uma forma de iniciar os debates propostos nesta sessão, a letra do grupo Racionais MCs pode ser lida e acompanhada pela audição da música. Depois, é importante que os estudantes dialoguem sobre a letra, sobre os recursos empregados para criar um efeito sonoro e imagético e sobre a existência desse "rapaz comum" e de seus dramas na vida real.

Que nunca me deixou faltar, ficar sozinho
Me ensinou o caminho desde criança
Minha infância, mais uma eu guardo na lembrança
Na esperança da periferia, eu sou mais um
Clic, clec, bum!
Rapaz comum

Clic, clec, bum!
A lei da selva é assim
Clic, clec, bum!

Rapaz comum
A lei da selva é assim
Clic, clec, bum!
Predatória
Rapaz comum
Preserve a sua glória!

Queria atrasar o meu relógio
Pra mim, vale muito um minuto a mais de ódio
Mas me sinto fraco, indefeso, desprotegido
Eu vou mais alto, cuzão! Pra te levar comigo!
Vou ser um encosto na sua vida
Você criou um monstro sem cura, sem alternativa
Me enganar, pra quê? Se o fim é virar pó
Fiquei muito pior Segura o seu BO!
O preto aqui não tem dó!
Mais uma vida desperdiçada, e é só
Uma bala vale por uma vida do meu povo
No pente tem quinze, sempre a menos no morro, então?
Quantos manos iguais a mim se foram?
Preto, preto, pobre, cuidado, socorro!
Que que pega aqui? Que que acontece ali?
Vejo isso frequentemente, desde moleque
Quinze de idade já era o bastante, então
Treta no baile, então. Tiros de monte
Morte nem se fala, eu vejo um cara agonizando
(Chama a ambulância! Alguém chame a ambulância!)
Depois ficava sabendo na semana
Que dois já era, os preto sempre teve fama
No jornal, revista e TV se vê
Morte aqui é natural, é comum de se ver
Caralho! Não quero ter que achar normal
Ver um mano meu coberto com jornal
É mal, cotidiano suicida
Quem entra, tem passagem só pra ida
Me diga (me diga): Que adianto isso faz?
Me diga (me diga): Que vantagem isso traz?
Então, a fronteira entre o Céu e o Inferno tá na sua mão
Nove milímetros de ferro, cuzão!
Otário! Que porra é você?
Olha no espelho e tenta entender
A arma é uma isca pra fisgar
Você não é polícia pra matar
É como uma bola de neve
Morre um, dois, três, quatro, morre mais um em breve
Sinto na pele, me vejo entrando em cena
Tomando tiro, igual filme de cinema

Clic, clec bum!
Rapaz comum
Clic, clec, bum!
A lei da selva é assim
Clic, clec, bum!
Rapaz comum
A lei da selva é assim
Clic, clec, bum!
Predatória
Rapaz comum
Preserve a sua glória!

Minha ideia tá clareando
Eu fico atacado, mó neurose, o tempo tá esgotando
Não quero admitir, meus olhos vão abrir
Vou chorar, vou sorrir, vou me despedir
Não quero admitir que sou mais um
Infelizmente é assim, aqui é comum
Um corpo a mais no necrotério, é sério
Um preto a mais no cemitério, é sério
Eu tô me vendo agora e é difícil
Minha família, meus manos; no centro, um crucifixo
Meus filhos olhando, sem entender o porquê
Se eu pudesse falar, talvez iriam saber
Não acredito que esse mano veio até aqui!
Me matou, quer certeza e quer conferir
Me acompanham até a sepultura
Vejo um tumulto no caixão (hã), e alguém segura
Mais uma mãe que não se conforma
Perder um filho dessa forma é foda! Quem se conforma?
Como eu podia imaginar?
No velório de outras pessoas, hoje estou no lugar
No buraco, desce o meu caixão
Jogam terra, flores, se despedem na última oração
Tão me chamando, meu tempo acabou
Não sei pra onde ir, não sei pra onde vou
Qual que é? Qual que é? O que que eu vou ser?
Talvez um anjo de guarda, pra te proteger
Não sou o último, nem muito menos o primeiro
A lei da selva é uma merda e você é o herdeiro!

Compositor: Edi Rock
Vídeo/Áudio: https://www.youtube.com/watch?v=X9Zgl54qLWo

TEXTO 1



BdF

ARTIGO | Precisamos combater a cultura de extermínio da juventude

Queremos ser televisionados não por nossas dores, mas por resultados de investimentos em educação, cultura e esporte

Daiane Araujo e Carlos Alberto Machado
Brasil de Fato | São Paulo (SP) | 15 de fevereiro de 2022 às 11:23

Ouvimos cotidianamente que nós, jovens, somos o futuro do Brasil. No entanto, no Brasil atual, não há perspectiva de futuro para a juventude. Vivemos em um cenário de profunda retirada de direitos: desmonte da educação, aumento do desemprego e da fome, forte criminalização do uso dos espaços de lazer e cultura na cidade e tantos outros fatores que impedem o desenvolvimento pleno e criativo dos jovens brasileiros.

[...]

De acordo com o Atlas da Violência, é um fato global que homens adolescentes e jovens entre 15 e 29 anos são os que mais correm risco de serem vítimas de homicídios: entre 2009 e 2019, foram 333.330 jovens assassinados no Brasil. Esses dados assustam ainda mais quando observamos a disparidade regional nas taxas de mortalidade e nos níveis de violência juvenil, que estão relacionadas, sobretudo, à ação do crime organizado e ao uso de armas de fogo. Outro fator que chama a atenção é a presença de um grande contigente de jovens nas prisões, elevando o Brasil ao patamar de terceira maior população carcerária no mundo.

A morte e o cárcere de jovens negros

Sob essas condições, os jovens negros são os que mais morrem e mais são encarcerados. Cerca de 64% da população prisional é composta por pessoas negras, ao tempo em que o percentual de jovens é de 55%. Esse cenário é reflexo de uma história carregada de exploração, que naturaliza a mortalidade brutal do nosso povo, a violência no cotidiano das comunidades e a violação do direito de ir e vir na cidade, entre tantos outros direitos que não são garantidos e conformam esse quadro.

Ser jovem, no Brasil, é ter poucas condições de sobrevivência e de futuro. São vidas, sonhos e esperanças interrompidos pela brutalidade de um sistema que mata dezenas de jovens por dia, diminuindo sua expectativa de vida para os 30 anos. São esses mesmos jovens que precisam largar a escola e se aventurar nos trabalhos precários, com baixa remuneração, alta carga horária, sem nenhuma seguridade trabalhista, que não tem acesso a espaços de lazer e são proibidos de ocupar as praças com suas batalhas de hip hop.

[...]

Quando se trata das jovens mulheres, soma-se a isso as relações domésticas e a violência de gênero. São as jovens, negras e periféricas as maiores vítimas de violência sexual. São mães, irmãs e esposas que se submetem a trabalhos precarizados, chefiam lares, respondem às crianças quando não há o que comer e convivem com a dor do luto quando os seus são exterminados no dia a dia.

Sobre o amanhã

Para que o amanhã não seja só um ontem com um novo nome, é preciso transformar radicalmente a cultura que extermina a juventude. É preciso que se multipliquem — na realidade e nos noticiários — casos como a conquista de medalhas por parte da skatista Rayssa Leal e da ginasta Rebeca Andrade; ou da estudante Raquel Soares, que foi premiada por criar uma estratégia alternativa para combater a leishmaniose.

Queremos ser televisionados não por nossas dores, mas por resultados de investimentos em educação, cultura, esporte e lazer, por resultados que se expressem na vida da juventude e na construção de um projeto de país.

Combater a violência contra a juventude no Brasil é lutar por direitos e, no momento atual, pela reconstrução da Democracia. E essa luta precisa ser antirracista e antipatriarcal, pautada na organização coletiva, que aponte um projeto de vida digna para os jovens e para todo o povo brasileiro.

Disponível em:
brasildefato.com.br/2022/02/15/artigo-precisamos-combater-a-cultura-de-exterminio-da-juventude
(Texto Adaptado)

Para os diálogos e debates, propomos algumas questões que tomam por base a leitura do texto e seus conhecimentos:

1) O texto apresenta como título a seguinte frase: "Precisamos combater a cultura de extermínio da juventude".
a) Na sua opinião, em que consiste essa "cultura de extermínio da juventude"?
b) Você pode trazer exemplos do seu cotidiano que evidenciem a presença dessa cultura?
c) Como você acha que essa cultura surgiu e por que ela continua sendo reproduzida em nosso país?
2) No início do texto, os autores apontam diversos fatores que impedem o desenvolvimento pleno e criativo dos jovens brasileiros: desmonte da educação, aumento do desemprego e da fome, forte criminalização do uso dos espaços de lazer e cultura na cidade. Por qual desses fatores você já foi ou é afetado, direta ou indiretamente?
3) Ao pensar sobre o "amanhã", o texto cita as medalhistas olímpicas Rayssa Leal e Rebeca Andrade e a estudante premiada Raquel Soares.
a) Pesquise a respeito do conceito de "meritocracia" e, em seguida, avalie se o texto toma um viés meritocrático ao trazer essas três jovens como exemplo, apresentando evidências do texto que reforcem sua avaliação.
b) O esporte acaba sendo uma das maiores esperanças de mudança para os jovens, principalmente os mais empobrecidos. Mas há outras formas de superação da pobreza e da violência além do esporte. Pelo exemplo citado, qual seria?
4) Por que os autores afirmam que a luta contra a violência deve ser uma luta antirracista e antipatriarcal? Você concorda com essa ideia?
5) Relacione as ideias do texto 1 com a música de abertura. Como o rap e o texto se aproximam e se complementam?

ORIENTAÇÕES

1.a) Espera-se que os estudantes tenham a percepção de que essa cultura consiste em condenar a juventude brasileira, sobretudo os pobres e negros, à criminalidade e à morte ou a uma vida precária, sem oportunidades, sem dignidade; 1.b) É possível que surjam diversos exemplos pessoais ou de amigos e conhecidos. É importante exercitar a escuta nesse momento, pois é uma oportunidade de partilhar vivências por vezes duras, que eles acabam passando sem refletir, sem dialogar a respeito; 1.c) Espera-se que os estudantes concluam que essa cultura tem raízes na história colonial do Brasil, nas desigualdades que sempre existiram e se intensificam cada vez mais devido à concentração de renda e à falta de ações concretas para exterminar a pobreza e a violência e não os jovens; 2) É possível que alguns concluam que o desmonte da educação pública seja, talvez, o fator que mais os afeta, mas em maior ou menor medida, todos os fatores mencionados afetam a maior parte dos jovens brasileiros que não tenham nascido em famílias abastadas; 3.a) A meritocracia é a ideia de que uma pessoa deve ser recompensada e deve ter "sucesso na vida", segundo o esforço que emprega para merecer tudo isso. Normalmente, essa ideia é usada para afirmar que, independente das condições sociais ou da ausência do estado em prover direitos básicos, todos podem ser capazes de se esforçar e mudar de vida. Mas, ao apresentar as esportistas medalhistas e a jovem pesquisadora, o texto não está sendo meritocrático, apenas está reafirmando a esperança que essas conquistas representam para a juventude; 3.b) Pelo exemplo citado, além do esporte, a dedicação aos estudos podem trazer alguma esperança num futuro melhor para a juventude. Mas é importante ressaltar que, sem políticas públicas fortes, nem o esporte nem os estudos podem salvar a juventude; 4) O texto afirma que a luta contra a violência deve ser uma luta antirracista e antipatriarcal, porque as maiores vítimas da violência no Brasil são as pessoas pretas e as mulheres; 5) É possível fazer diversas associações, mas a principal obviamente é a de que a música exemplifica exatamente quadro de violência em que um jovem, um "rapaz comum" é vitimado.

TEXTO 1

Semana Estadual de Debate contra o Extermínio da Juventude Capixaba

A Semana Estadual de Debate contra o Extermínio de Jovens foi criada pela Lei 9.646/2011. Ela acontece em nível estadual, sempre na quarta semana de setembro e tem o dia 21 como destaque, por ser o Dia Estadual do Combate ao Extermínio de Jovens. É um momento importante para os debates dos temas das juventudes no Estado, sobretudo o alto número de mortes de jovens negros no Espírito Santo.

Todos os anos, desde 2011, essa semana é marcada por eventos políticos e culturais que trazem a juventude para o centro do debate, buscando a proteção e a valorização de seu modo de existir, de suas formas de expressão cultural e de suas demandas sociais que exigem políticas públicas específicas. A cada edição uma programação diferente é pensada especialmente para a população jovem e, com isso, diferentes espaços como escolas, centros de referência, praças públicas e museus abrigam as atividades que ajudam a promover e debater os temas propostos.

Confira alguns dos cartazes e seus respectivos temas, que marcam a cada ano a Semana Estadual de Debate contra o Extermínio da Juventude:

2024: “Juventudes que movem territórios. Territórios que movem juventudes”



2023: “Nem presa, nem morta. A juventude negra quer viver e ter direito a políticas públicas!”



2020: “A importância das juventudes organizadas”



Adaptado de: *juventudes.es.gov.br*

Sobre esse segundo texto, dialogue com seus colegas e professores a partir das seguintes questões:

1) Com que objetivo foi criada a Semana Estadual de Debate contra o Extermínio de Jovens?
2) Segundo o texto, as atividades desse evento ocorrem em diferentes espaços como escolas, centros de referência, praças públicas e museus. Na sua opinião, qual a importância desses lugares para esse tipo de programação e de público?
3) Observe atentamente os cartazes e os temas de algumas edições da Semana Estadual de Debate contra o Extermínio de Jovens.
a) O que as imagens dos três cartazes têm em comum?
b) Dos três temas apresentados, qual se relaciona mais fortemente com as ideias apontadas pelo texto 1?
4) Segundo o texto, esse evento acontece desde 2011, você já teve a oportunidade de participar de alguma atividade relacionada a esse evento?
5) Agora, imagine que você seja convidado a participar desse evento representando a juventude da sua comunidade. Enquanto representante, você irá proferir um discurso em seu nome e em nome de outros jovens, expressando suas demandas e cobrando respostas e estratégias políticas das autoridades governamentais. Sendo assim, escreva um pequeno texto que sirva de base para o seu discurso. Nesse texto você deverá:

- Apresentar-se brevemente;
- Falar de onde você é e das características boas e ruins do seu território;
- Apresentar que anseios você e os outros jovens trazem para o debate, em que demandas gostariam de ser atendidos e que melhorias esperam alcançar a partir do atendimento a essas necessidades.

ORIENTAÇÕES

1) Segundo o texto, essa semana foi criada para promover debates sobre os temas das juventudes no estado, sobretudo o alto número de mortes de jovens negros no Espírito Santo; 2) A ideia é levar o debate para os locais que esses jovens frequentam, a fim de ouvi-los e de permitir que eles tenham participação ativa, ao invés de ficarem só ouvindo e assistindo, como acontece com grande parte dos debates políticos que acontecem nos espaços institucionais; 3.a) Os três cartazes apresentam o perfil ou o rosto de jovens negras, com cabelo crespo ou black power; 3.b) O que melhor reflete a abordagem do texto 1 é o tema de 2023: “Nem presa, nem morta. A juventude negra quer viver e ter direito a políticas públicas!”; 4) Resposta pessoal e variada. Caso alguém já tenha participado seria interessante questionar como esse jovem se sentiu e se percebeu alguma evolução no cenário de violências em seu entorno; 5) É interessante orientá-los, a fim de que todos participem. A atividade pode ser feita em dupla ou em trio, caso a turma tenha mais facilidade com o trabalho em equipe.

Sagrado favelado

Vamos assistir a um disco?! Pode parecer um convite estranho, mas estamos falando de outra produção artística que faz uma aproximação entre Música e Pintura: o disco “Sagrado Favelado”.



Sagrado Favelado é um álbum visual de 7 faixas, criado a partir de uma parceria dos rappers Onni e Asiri e do artista plástico Miguel Afa, que pintou uma tela para cada música, dando forma ao ritmo e às narrativas propostas pelas canções.

As faixas do álbum são combinadas aos videoclipes que apresentam em detalhes as cores e formas que compõem as telas de Afa. A junção entre a canção e a imagem provoca múltiplas sensações e desperta um tipo de percepção muito mais sensível, tanto para a música quanto para a pintura.

É possível assistir aos vídeos em sequência, como se fosse uma websérie, a fim de perceber a narrativa que as músicas constroem, revelando, numa perspectiva realista e insubmissa, o território, as mazelas sociais e as pessoas, sobretudo os jovens e as crianças da periferia que, desde cedo, se tornam conscientes de seus dramas e dores.

Pelo link ou QR Code, é possível acessar e aproveitar essa experiência:

https://www.youtube.com/watch?v=ATBCv-tUw-Oo&list=PLH82uhTwd-tkbFp9QNGtwrd9oDAxRLa-1t8&index=1

ORIENTAÇÕES

Professor(a), para apresentar essa proposta aos estudantes, você pode expor o cartaz originalmente utilizado na divulgação do lançamento do álbum “Sagrado Favelado” e, caso seja possível, crie com os estudantes uma adaptação desse cartaz, a fim de divulgar para a escola o dia e horário da atividade de exibição do álbum, alterando as informações de data, hora e local e adaptando a arte para algo que os estudantes queiram expressar. Antes, aproveite para explorar os elementos visuais e as referências históricas apresentadas no cartaz, como o jovem negro crucificado, em alusão à Jesus Cristo, o navio e a caravela que se aproximam pelo lado direito, em alusão à chegada dos colonizadores e aos tráfico negreiro que trouxe um enorme contingente de pessoas negras do continente africano para serem escravizadas na América, pessoas essas que, em sua maioria, são antepassados dos indivíduos negros que ocupam as favelas e periferias urbanas atualmente.

É interessante criar um clima para que esta atividade se torne um evento atrativo: agendar o auditório ou outro espaço da escola em que os vídeos possam ser projetados com qualidade de áudio e de imagem, fazer uma ambientação acolhedora e confortável para criar um clima envolvente e promover uma divulgação ampla para a exibição, ampliando, se possível, para outras turmas da escola. Após a exibição, é importante que haja uma intervenção, seja um diálogo aberto, seja uma proposta de releitura, seja a elaboração de textos/relatos sobre tal vivência.

ATIVIDADE PARA O TEMPO VIVENCIAL:

- Pesquise a letra de alguma canção que você gosta e costuma ouvir, seja para relaxar, seja para se divertir e curtir com os amigos;
- Exercite seu lado artístico criando uma ilustração a partir de alguma frase ou verso da canção. Faça escolha de cores que expressem as emoções e os sentimentos que a música transmite.
- Caso você tenha habilidade com criações manuais, fique à vontade para fazer a sua ilustração usando papel, lápis, giz de cera e outros materiais disponíveis.
- Mas caso você tenha mais facilidade com recursos digitais, você pode usar aplicativos como o Canva ou o Adobe Express. Ambos dispõem de vários recursos gratuitos.

REFERÊNCIAS

Academia Brasileira de Arte - ABRA. **Teoria das cores**: sua origem e aplicação (artigo). Disponível em: https://abra.com.br/artigos/teoria-das-cores/. Acesso em set. 2024.

ANDARILHO, Jessé. **Efetivo Variável**, Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.

ARROYO, M. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA. Itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

CALDEIRA, R. **Pai com a mãe**. In: Dias Ímpares - Suplemento literário do Centro Cultural Sesc Glória. Ano I, nº II, mai/jun. 2021, p. 23-25. Disponível em: https://literaturaeeducacao.ufes.br/sites/grupoliteraturaeeducacao.ufes.br/files/field/anexo/dias_impares_2_-_poemas_de_samella_almeida.pdf

CARDOSO, Rodrigo; BRUGGER, Mariana; VERA, Andres. **A geração que vai mudar o mundo**. Isto É, São Paulo: Três, ano 37, n. 2292, p. 63, 23 out. 2013.

CERQUEIRA, D.; BUENO, S. (coord.). **Atlas da violência 2024**. Brasília: Ipea; FBSP, 2024. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/14031. Acesso em: out. 2024

COELHO, T. **O que é indústria cultural**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 35ed., 1993.

DA SILVA COFFANI, M. C. R.; GOMES, C. F. **Estudos sobre juventudes**: implicadores teóricos e metodológicos sobre culturas juvenis e ensino médio. CAMINE: Caminhos da Educação, v. 10, n. 2, p. 3-28, 2018. Disponível em: https://ojs.franca.unesp.br/index.php/caminhos/article/view/2624. Acesso em: 10 out. 2024

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Educação de Jovens e Adultos**: Ciência Humanas: Componentes Curriculares Geografia e História / Ensino Religioso. Secretaria de educação (SEDU/ES), 2024. Disponível em: https://curriculo.sedu.es.gov.br/curriculo/wp-content/uploads/2024/06/DCEJA-2024.-HUMANAS-E-ENSINO-RELIGIOSO-1.pdf. Acesso nov. 2024.

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Educação de Jovens e Adultos**: Linguagens. Secretaria de Educação (SEDU/ES), 2024. Disponível em: https://curriculo.sedu.es.gov.br/curriculo/wp-content/uploads/2024/06/DCEJA-2024.-LINGUAGENS.pdf. Acesso em nov.2024.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 49ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 14 ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GROPPO, L. A. **Introdução à sociologia da juventude**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

HAN, B. **Sociedade do cansaço** (tradução Enio Paulo Giachini). Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

KAWAKUBO, F. **Cartografia Temática Cores**. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4583241/mod_resource/content/1/cores.pdf. Acesso em: set. 2024.

TEZZA, Cristóvão. As Meninas: Os Impasses da Memória, In: TELLES, Lygia Fagundes, **As Meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.



GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO

Secretaria da Educação